

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

GIOVANE SANTOS BRITO

**DO TEXTO AO DOCUMENTO DIGITAL: TRANSPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DE
DOCUMENTOS MANUSCRITOS HISTÓRICOS PARA FORMAÇÃO DE *CORPORA*
LINGUÍSTICOS ELETRÔNICOS**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2015

GIOVANE SANTOS BRITO

**DO TEXTO AO DOCUMENTO DIGITAL: TRANSPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DE
DOCUMENTOS MANUSCRITOS HISTÓRICOS PARA FORMAÇÃO DE *CORPORA*
LINGUÍSTICOS ELETRÔNICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Sentido e Discurso

Orientador: Prof. Dr. Jorge Viana Santos

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Namiuti Temponi

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2015

Brito, Giovane Santos.

B875t Do texto ao documento digital: transposição fotográfica de documentos manuscritos históricos para formação de *corpora* lingüísticos eletrônicos / Giovane Santos Brito, 2015. 93f.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Viana Santos.

Coorientadora: Profa. Dra. Cristiane Namiuti.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Lingüística – PPGLin, Vitória da Conquista - BA, 2015.

Inclui referências. 87-91.

1. Lingüística de Corpus. 2. Corpus digital. 3. Documentos históricos – Fotografia. I. Santos, Jorge Viana. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Lingüística – PPGLin, III. T.

CDD 419.9

Catálogo na fonte: Cristiane Cardoso Sousa – CRB 5/1843
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: From text to digital document: photographic transposition of manuscript historical documents to electronic digital corpora

Palavras-chaves em inglês: Corpus Linguistics. Semantics. Photography. Historical documents. Digital Corpus.

Área de Concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca Examinadora: Prof. Dr. Jorge Viana Santos (Presidente-Orientador); Profa. Dra. Cristiane Namiuti Temponi (Coorientadora-UESB); Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva (UESB); Prof. Dr. Patricio Nunes Barreiros (UEFS)

Data da Defesa: 28 de abril de 2015

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística

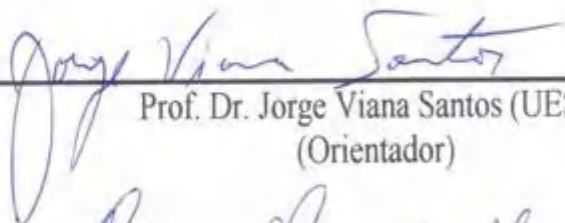
GIOVANE SANTOS BRITO

**DO TEXTO AO DOCUMENTO DIGITAL: TRANSPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DE
DOCUMENTOS MANUSCRITOS HISTÓRICOS PARA FORMAÇÃO DE *CORPORA*
LINGUÍSTICOS ELETRÔNICOS**

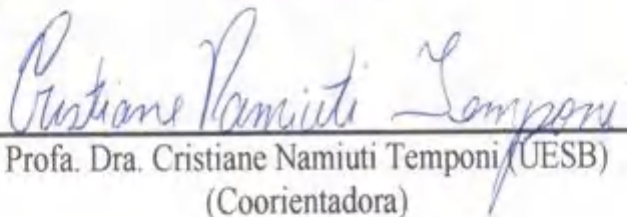
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 28 de abril de 2015.

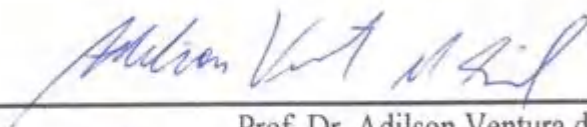
BANCA EXAMINADORA



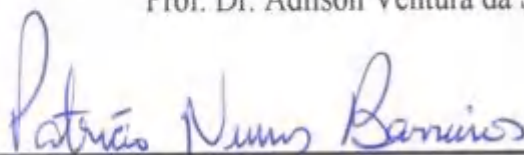
Prof. Dr. Jorge Viana Santos (UESB)
(Orientador)



Profa. Dra. Cristiane Namiuti Temponi (UESB)
(Coorientadora)



Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva (UESB)



Prof. Dr. Patricio Nunes Barreiros (UEFS)

Dedico:

A minha mãe (in memoriam).

Ao meu pai, pelo apoio.

As minhas irmãs, Geisiely e Gabriely, pelo carinho.

AGRADECIMENTOS

Por toda a ajuda e o apoio, sou grato:

A Deus por ter me dado força e fé para acreditar neste trabalho.

À minha família por inteiro, por sempre acreditar em mim.

À minha mãe (*in memoriam*), fotógrafa exemplar que me ensinou a paixão pela Fotografia.

Ao meu pai, sempre companheiro e estimulador.

Às minhas irmãs, fonte de inspiração para seguir em frente.

Aos meus irmãos Eduardo e Lucas que sempre me deram suporte nas horas difíceis.

Aos primos Andressa e Ramon Alcântara, grandes *designers* das imagens.

À minha noiva, Sonia por sempre estar ao meu lado acreditando e dizendo que eu faria o melhor.

Ao *Buddy*, Adalberto Igor, pela amizade e pelo apoio nas correções,

A Jean Ribeiro pela amizade e pelo apoio.

A Luan Pinheiro por dedicar parte do seu tempo de trabalho a me ajudar.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jorge Viana, pela atenção, pela paciência e incentivo que tornaram possível a conclusão desta dissertação.

Agradeço também a todos os professores que me acompanharam durante a graduação, em especial: Adilson Ventura, Angela Maria, Benedito Eugênio, Cândida Mara, Cristiane Namiuti, Edvania Gomes, Jorge Augusto, Marcello Moreira, Márcia Helena, Maria Aparecida, Nirvana Sampaio, Nubia Regina, Orlando e Marília, Ricardo Vale, Vera Pacheco, Zeneide Paiva. Vocês contribuíram significativamente para que eu chegasse até aqui.

À banca de qualificação, Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva e Prof.^a Dr.^a Edvania Silva Gomes pelas pertinentes observações.

À banca examinadora, Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva, Prof. Dr. Patricio Nunes Barreiros por terem aceitado o convite de avaliar o trabalho.

À FAPESB pela concessão da bolsa.

RESUMO

Este trabalho descreve etapas da transposição de documentos manuscritos históricos para a formação de *corpora* linguísticos eletrônicos, através da Fotografia cientificamente controlada, dando ênfase na Fotografia enquanto linguagem técnica, conforme vem sendo desenvolvida e praticada no Laboratório de Pesquisa em Linguística de *Corpus* (LAPELINC), destacando o processo, o efeito e sua importância para estudos de Linguística, a exemplo da Semântica do Acontecimento. Caracteriza-se como uma pesquisa descritiva em que se destaca o percurso seguido pelo pesquisador considerando a estratégia denominada *pesquisa-ação* (cf. THIOLENT, 1985). Procura-se responder à questão: de que maneira a transposição de documentos manuscritos históricos para formação de *corpora* linguísticos eletrônicos pode contribuir para estudos da Linguística, a exemplo da Semântica do Acontecimento? Para tanto, mobilizando pressupostos da Fotografia, aliados a alguns princípios da Linguística de *Corpus*, da Semântica e da Semântica do Acontecimento, demonstra-se através de um *corpus* de documentos extraído dos *corpora* DOViC Beta e DOViC Séc. XIX, a importância de se ter documentos digitais para pesquisas científicas, visando comprovar quatro hipóteses: a) a transposição através da Fotografia, desde que envolvendo um método científico controlado, tal como o desenvolvido e praticado no LAPELINC (cf. Santos, 2008; Santos, 2010a, 2010b; Namiuti, Santos e Leite, 2011; Santos, 2013a, 2013b; Namiuti-Temponi; Santos; Costa; Farias, 2013; Brito, Santos e Namiuti-Temponi, 2013) além de constituir uma das etapas essenciais na formação de *corpora* linguísticos eletrônicos, garante a fidedignidade aos textos originais; b) a transposição possibilita, junto com o registro do documento, o registro visual cientificamente controlado de suas características físicas (cf. SANTOS; BRITO, 2014), tornando-o cientificamente reproduzível e manipulável, na medida em que faz uso de equipamento e aparato técnico auxiliar específicos para tanto, a Mesa Cartesiana e os parâmetros fotográficos de controle que permitem ver e recuperar informações que independem do olho humano; c) a transposição enquanto passagem de um documento físico para um documento digital possibilita uma nova forma de acesso aos documentos, a visual fotográfica, que dentre algumas vantagens permite o acesso a novos formatos do documento, como por exemplo, os arquivos em formato Raw e JPEG, e a visualização eletrônica do documento a partir de ferramentas como: ampliação, contraste, brilho, cor, bem como uso de máscaras, filtros, layers, dentre outras; e d) O documento digital originado da/na transposição permite a recuperação, preservação e divulgação de formas de enunciação materializadas linguisticamente nos documentos que só poderiam ser resgatadas através de um documento visual, assim como foi feito por Santos

(2008) e durante o processo de constituição dos *corpora* DOViC Beta e DOViC Séc. XIX. Para finalizar, demonstramos através de exemplos algumas das contribuições da transposição para a Linguística, relacionados ao objeto (livros), ao processo (Fotografia), ao efeito (RAW e JPEG) e, por exemplo, para a Semântica do Acontecimento.

PALAVRAS-CHAVE

Linguística de *Corpus*. Semântica. Fotografia. Documentos Históricos.*Corpus* Digital.

ABSTRACT

This work describes steps of transferring historical handwritten documents of the legal type for formation of electronic linguistic corpora through scientifically controlled Photography, emphasizing the photography as a technical language, as it has been developed and practiced in the *Laboratório de Pesquisa em Linguística de Corpus* - (LAPELINC) (Research Laboratory of *Corpus* Linguistics) highlighting the process, the effect and its importance for Linguistic studies, for example the Semantic of Events. It is characterized as a descriptive research in which it is highlighted the route followed by the researcher considering the strategy called action-research (see THIOLENT, 1985). It seeks to answer the question: How does the transposition of historical handwritten documents of the legal type for formation of electronic linguistic corpora can contribute to linguistics studies, in particular, to Semantics, for example the Semantics of Events? Therefore, mobilizing the photography assumptions, together with some principles of *Corpus* Linguistics, Semantics and Semantic of Events, it is demonstrated through a document corpus extracted from corpora DOViC Beta and DOViC century XIX, the importance of having digital documents for scientific research, aiming to prove four hypotheses: a) Making the transposition through photography, since involving a controlled scientific method, as the one developed and practiced in the LAPELINC (see Santos, 2008a; Santos, 2010a, 2010b; Namiuti, Santos and Leite, 2011; Santos, 2013a, 2013b; Namiuti-Temponi; Santos; Costa; Farias, 2013; Brito, Santos and Namiuti-Temponi, 2013) besides being one of the essential steps in the formation of electronic linguistic *corpora*, ensures reliability to the original texts; b) the transposition allows, along with the document record, the scientifically controlled visual record of its physical characteristics (cf. SANTOS; BRITO, 2014), making it scientifically reproducible and manipulated, in that it makes use of equipment and assistant technical apparatus specific to do that; the *Cartesian Table* and the photographic control parameters that allowed us to see and recover information that are independent of the human eye; c) the transposition while a passage of a physical document into a digital document enables a new form of access to the documents, the photographic look, that among some advantages allows the access to new document formats, such as files in Raw format and JPEG, and the electronic document viewing from tools such as magnification, contrast, brightness, color, as well as the use of masks, filters, layers, among others and d) The document originated from/in the digital/transposition allows the recovery, preservation and promotion of forms of enunciation linguistically materialized in the documents that could only be retrieved through a visual document, as it was done by Santos (2008) and during the process of constituting the Beta

DOViC corpora and century XIX DOViC. Finally, it is demonstrated, through examples, some of the transposition contributions to the Linguistics, related to the object (books), the process (photography), the effect (RAW and JPEG) and, for example, to the Semantics of Events.

KEYWORDS

Corpus Linguistics. Semantics. Photography. Historical documents. Digital Corpus.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Câmera Fotográfica com Lente (Objetiva).....	40
Figura 2: Profundidade de Campo: Aberturas (f) e Distância Focal.....	41
Figura 3: Trecho do Catálogo Visual de livros do LAPELINC: Parte Descritiva.....	46
Figura 4: Trecho de Catálogo Visual de Livros LAPELINC contendo 5 imagens-chave: Parte Imagética.....	47
Figura 5: Trecho de um Dossiê de Observações Pertinentes (DOP) preparatório para a Captura	47
Figura 6: <i>Mesa Cartesiana (Layout)</i>	50
Figura 7: Folha frente (esquerda) Folha verso (direita).....	52
Figura 8: Folha frente editada (esquerda) e Folha verso editada (direita).....	53
Figura 9: Tela de trabalho do <i>Adobe Photoshop</i> com paleta de Brilho e Contraste.....	61
Figura 10: Paleta de Brilho e Contraste ampliada.....	61
Figura 11: Brilho ajustado para + 140 (Esquerda) e: Contraste ajustado para + 100 (Direita)....	62
Figura 12: Documento fotografado experimentalmente com Balanço de branco (<i>White Balance</i>) modificado (azulado) para fins de exemplificação.....	63
Figura 13: Imagem ideal Corrigida.....	63
Figura 14: <i>Layers</i> (camadas).....	64
Figura 15: Camada 1 ampliada (Fundo) (esquerda) e Camada 2 ampliada (Texto Manuscrito) (direita).....	65
Figura 16: Documento Digital Ampliado (Camadas de <i>Pixels</i>).....	66
Figura 17: Folha Frente DD (Esquerda) e Folha Verso DD (Direita).....	71
Figura 18: Folha Frente Documento Digital (Esquerda) e Imagem do trecho ampliada (Direita)	72
Figura 19: Carta de Alforria 37 - Etapa de Captura (Documento Digital em suas três partes)	74
Figura 20: Carta de Alforria 37- Etapa de Edição (Documento Digital em suas três partes)...	74
Figura 21: Exemplo de Transcrição da Carta de Alforria 37.....	75
Figura 22: Folha Frente DD (Esquerda) eImagem Ampliada da Palavra "Pardos" (Direita)...	78
Figura 23: Carta de Liberdade (<i>Designação</i> de Vitória da Conquista).....	82

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Infográfico Pesquisador LAPELINC (Giovane).....	21
Gráfico 2: Fotografia praticada com método científico de reprodução digital: a ponte entre Documento Físico (DF) e Documento digital (DD).....	43
Gráfico 3: Fotografia Analógica x Fotografia Digital.....	77

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 DOCUMENTOS HISTÓRICOS MANUSCRITOS (DO OBJETO).....	23
2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	23
2.2 A IMPORTÂNCIA DE DOCUMENTOS MANUSCRITOS HISTÓRICOS DO TIPO JURÍDICO, PARA A LINGUÍSTICA, A EXEMPLO DA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO.....	27
2.3 A LINGUÍSTICA DE CORPUS E A COLETA DE DADOS PARA A FORMAÇÃO DE CORPORA LINGUÍSTICOS ELETRÔNICOS.....	30
2.4 A FIDEDIGNIDADE ÀS FONTES ORIGINAIS (PROPOSTAS DO MÉTODO LAPELINC).....	33
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
3 MÉTODO LAPELINC DE TRANSPOSIÇÃO (O PROCESSO).....	36
3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	36
3.2 A FOTOGRAFIA.....	37
3.2.1 A Fotografia enquanto linguagem.....	39
3.2.2 Fotografia técnica de documentos: o método desenvolvido no LAPELINC.....	42
3.3 A TRANSPOSIÇÃO DE DOCUMENTOS: DO DOCUMENTO FÍSICO (DF) PARA O DOCUMENTO DIGITAL (DD).....	44
3.3.1 O controle.....	45
3.3.1.1 <i>Catálogo Visual</i>	45
3.3.1.2 <i>O Dossiê de Observações Permanentes (DOP)</i>	47
3.3.2 A Captura.....	48
3.3.2.1 <i>A Mesa Cartesiana: um instrumento de Fotografia Cientificamente Controlada</i>	49
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
4 O POTENCIAL DA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA DIGITAL NA VISUALIZAÇÃO ELETRÔNICA DE DOCUMENTOS DIGITAIS (O EFEITO).....	55
4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	55
4.2 UMA NOVA FORMA DE ACESSO AO DOCUMENTO: A VISUAL FOTOGRÁFICA.....	57
4.3 A LINGUAGEM FOTOGRÁFICA DIGITAL.....	58
4.4 A VISUALIZAÇÃO ELETRÔNICA DE DOCUMENTOS DIGITAIS: A POTENCIALIDADE.....	59
4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
5 CONTRIBUIÇÕES DA TRANSPOSIÇÃO PARA OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS (A IMPORTÂNCIA).....	68

5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	68
5.2 CONTRIBUIÇÕES DA TRANSPOSIÇÃO PARA A LINGUÍSTICA RELACIONADOS AO OBJETO (LIVROS).....	69
5.3 CONTRIBUIÇÕES DA TRANSPOSIÇÃO PARA A LINGUÍSTICA RELACIONADOS AO PROCESSO (FOTOGRAFIA).....	73
5.4 CONTRIBUIÇÕES DA TRANSPOSIÇÃO PARA A LINGUÍSTICA RELACIONADOS AO EFEITO (RAW E JPEG).....	76
5.5 CONTRIBUIÇÕES DA TRANSPOSIÇÃO PARA A LINGUÍSTICA, A EXEMPLO DA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO (A IMPORTÂNCIA).....	78
5.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
6 CONCLUSÃO.....	85
REFERÊNCIAS.....	87
ANEXOS.....	92
ANEXO A: AMPLIAÇÃO DA FIGURA 3 (PÁGINA 47).....	92
ANEXO B: AMPLIAÇÃO DA FIGURA 5 (PÁGINA 48).....	93

1 INTRODUÇÃO

Alguns documentos históricos manuscritos como, por exemplo, os jurídicos dos séculos XVIII e XIX originários da 1ª Vara Cível do Fórum João Mangabeira, Seção Judiciária de Vitória da Conquista, Bahia, têm muito a dizer a respeito da memória da região sudoeste e da própria história do português brasileiro. Estes mesmos manuscritos muitas vezes são amontoados em condições de armazenamento que não garantem um tratamento adequado que tais documentos necessitam. Isso nos mostra que os mais variados campos do conhecimento devem acompanhar a tendência e necessidade mundial de utilização de recursos tecnológicos digitais que permitam uma melhor organização e preservação de textos dessa ordem.

Considerando Santos (2008, p. 136), em documentos manuscritos históricos do tipo jurídico da região Sudoeste da Bahia, encontram-se materializadas linguisticamente algumas formas de enunciação que constituem objeto de interesse de muitos pesquisadores no âmbito da Linguística. Brito e Santos (2013, p. 4) afirmam que “[...] ao nos depararmos com documentos antigos, podemos encontrar respostas para fenômenos linguísticos complexos relacionados tanto a períodos remotos quanto presentes das línguas [...]”, a exemplo do que foi feito por Santos (2008).

Tal realidade, porém, encontra algumas dificuldades: acesso e disponibilização de documentos históricos para fins de pesquisa; e, no caso de reprodução e/ou cópia de documentos desse tipo, a garantia de fidedignidade necessária para a pesquisa científica.

Para solucionar essas dificuldades, Santos (2010a; 2010b) propõe a transposição de documentos manuscritos históricos para o meio digital através da Fotografia cientificamente controlada, salientando que “[...] o processo de transposição de documentos manuscritos históricos requer uma reflexão a respeito da complexidade do documento histórico [...]”. Namiuti-Temponi, Santos, Costa e Farias (2013, p. 4) corroborada por Namiuti, Santos e Leite (2011, p. 6) afirmam ainda que “[...] a transposição é compreendida como passagem de um documento físico para um documento digital através da fotografia cientificamente controlada”.

Nesse sentido, Santos e Brito (2014) apresentam um método de transposição que tem como base o Método Lapelinc, que, dentre outros, “[...] pressupõe domínio da Fotografia (*Photography*) enquanto linguagem e enquanto técnica e visa à construção, sobretudo, de *corpora* manuscritos para uso científico [...]”, levando em conta os princípios desenvolvidos por alguns pesquisadores no âmbito da Linguística de *Corpus* que, desde a década de 1990, vem se constituindo enquanto prática científica que se ocupa da coleta, análise e constituição

criteriosa de dados para a composição de *corpora* linguísticos eletrônicos que possam servir de base para estudos linguísticos ou de outras áreas.

Dentre os estudos linguísticos que podem se beneficiar da transposição, destacamos, a título de exemplificação, a Semântica do Acontecimento pela contribuição significativa do processo na ampliação das possibilidades de análises. Os estudiosos da Semântica do Acontecimento tomam por base os postulados de Michel Bréal que considera a Linguística de um ponto de vista histórico, isto é, uma ciência humana que toma a linguagem como fenômeno social e coletivo (cf. BRÉAL, 1897, p. 195) Esta atividade se materializa na língua, através de leis, tradições e costumes presentes, por exemplo, em textos manuscritos.

Seguindo os postulados de Michel Bréal, os teóricos da Semântica do Acontecimento também partem do ponto de vista de que a língua é histórica, materializando-se através de enunciados. Guimarães (2002, p. 7) ao redefinir o campo da enunciação em Linguística, funda os princípios teóricos da Semântica do Acontecimento e diz que “[...] esta se configura enquanto uma semântica que considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer”. Para alguns estudos desse tipo de Semântica, compreender a enunciação é compreender como os enunciados, presentes em textos, contribuem para o funcionamento semântico do texto como um todo. Nessa perspectiva, o semanticista concebe texto como “[...] unidade de sentido que integra enunciados no acontecimento de enunciação” (cf. GUIMARÃES, 2011 p. 19). O texto assim concebido constitui uma unidade de sentido que apresenta como parte integrante, um conjunto de enunciados. Desse modo, o acesso a textos, e, por exemplo, a documentos manuscritos, tais como os jurídicos da região sudoeste da Bahia constitui exemplo de grande relevância para estudos desse tipo.

Diante desses pressupostos, pergunta-se: de que maneira a transposição de documentos manuscritos históricos para a formação de *corpora* linguísticos eletrônicos pode contribuir para estudos de Linguística, a exemplo da Semântica do Acontecimento?

Para responder a essa pergunta, sustentamos, com Santos (2010a; 2010b), a hipótese de que a transposição de documentos manuscritos históricos, através da Fotografia cientificamente controlada para a formação de *corpora* linguísticos eletrônicos anotados, pode contribuir para estudos linguísticos, em especial, da Semântica do Acontecimento, na medida em que:

- a) A transposição através da Fotografia, desde que envolvendo um método científico controlado, tal como o método desenvolvido e praticado no LAPELINC (cf. Santos, 2008; Santos, 2010a, 2010b; Namiuti, Santos e Leite, 2011; Santos, 2013a, 2013b;

Namiuti-Temponi; Santos; Costa; Farias, 2013; Brito, Santos e Namiuti-Temponi, 2013) além de constituir uma das etapas essenciais para a formação de *corpora* linguísticos eletrônicos, garante a fidedignidade aos textos originais;

b) A transposição através da Fotografia cientificamente controlada, conforme desenvolvida e praticada no LAPELINC, possibilita, junto com o registro do documento, o registro visual cientificamente controlado de suas características físicas (cf. SANTOS; BRITO, 2014), possibilitando fazer referência ao arquivo original físico, a partir de elementos como: tom, cor, tamanho, tipologia, paginação, dentre outros, tornando-o cientificamente reproduzível e manipulável, na medida em que faz uso de equipamento e aparato técnico auxiliar específicos para tanto, a Mesa Cartesiana e os parâmetros fotográficos de controle que permitem ver e recuperar informações que independem do olho humano;

c) A transposição enquanto passagem de um documento físico para um documento digital possibilita uma nova forma de acesso aos documentos, a visual fotográfica, que dentre algumas vantagens possibilitadas pela linguagem fotográfica, permite o acesso a novos formatos do documento, como por exemplo, os arquivos em formato Raw e JPEG, e a visualização eletrônica do documento a partir de ferramentas como: ampliação, contraste, brilho, cor, recortes, bem como uso de máscaras, filtros, *layers*, dentre outras;

d) O documento digital originado da/na transposição permite a recuperação, preservação e divulgação de formas de enunciação materializadas linguisticamente nos documentos que só poderiam ser resgatadas através de um documento visual, assim como foi feito por Santos (2008) durante o processo de constituição dos *corpora* DOViC Beta e DOViC Séc. XIX.

Assim, ao considerar a transposição de documentos manuscritos históricos, através da Fotografia cientificamente controlada para a formação de *corpora* linguísticos eletrônicos anotados, Santos (2010a, 2010b, 2013) salienta que é preciso que o pesquisador reflita a respeito da complexidade do documento físico (histórico, manuscrito, dentre outros) que se almeja transpor para o meio digital, destacando três elementos principais: o acesso, a forma e a fragilidade.

Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é descrever a transposição de documentos manuscritos históricos para a formação de *corpora* linguísticos eletrônicos anotados, através da Fotografia cientificamente controlada, dando ênfase na Fotografia enquanto linguagem técnica, conforme vem sendo desenvolvida e praticada no LAPELINC, destacando o processo, o efeito e sua importância para estudos de Linguística, a exemplo da Semântica do Acontecimento.

Para alcançarmos tal objetivo, adotaremos os seguintes objetivos específicos:

a) Demonstrar algumas das etapas do Método Lapelinc de transposição, que envolve, dentre outras, o Controle, durante a qual é realizada a captura de informações da fonte, por exemplo, catalogação de dados de um livro a ser fotografado, confecção de catálogo escrito estruturado, catálogo visual, codificação de informações referentes aos documentos e/ou livros, dossiê de informações pertinentes, observações fotográficas, filológicas e de edição;

b) Demonstrar o registro visual cientificamente controlado das características físicas dos documentos manuscritos históricos, e o modo como podem fazer referência ao arquivo original físico, exemplificando que a partir de elementos como: tom, cor, tamanho, tipologia, paginação, dentre outros, torna o documento manuscrito histórico cientificamente reproduzível e manipulável, na medida em que faz uso de equipamento e aparato técnico auxiliar específicos para tanto, como a Mesa Cartesiana e os parâmetros fotográficos de controle que permitem ver e recuperar informações que independem do olho humano e das telas de visualização;

c) Apresentar uma nova forma de acesso aos documentos, a visual fotográfica, que dentre algumas vantagens possibilitadas pela linguagem fotográfica, permite o acesso a novos formatos do documento, como por exemplo, os arquivos em formato Raw e JPEG, que dentre outras, permite a reproduzibilidade segura de forma que não prejudique os documentos originais, e a manipulação visual eletrônica do documento a partir de ferramentas como: ampliação, contraste, brilho, cor, bem como uso de máscaras, filtros, *layers*, dentre outras;

d) Apresentar algumas contribuições da transposição para os estudos linguísticos, seja dentro da Linguística de *Corpus*, bem como da Semântica a exemplo dos estudos desenvolvidos no âmbito da Semântica do Acontecimento, demonstrando a

importância de se ter um documento digitalizado eletronicamente anotado, como realizado na constituição dos *corpora* DOViC Beta e DOViC Séc. XIX.

O *corpus* constituinte desta pesquisa é composto de alguns exemplos retirados dos *corpora* DOViC Beta e DOViC Séc. XIX, dos quais participamos da construção, em todas as etapas, desde o controle de fontes, a captura fotográfica, a catalogação, a edição e a criação de imagens de uso.

O método utilizado para a construção da pesquisa considera cinco etapas:

- 1) Controle: etapa da captura de informações da fonte (por exemplo, catalogação de dados de um livro a ser fotografado, catálogo escrito estruturado, catálogo visual, codificação de informações referentes aos documentos e/ou livros, dossiê de informações pertinentes, observações fotográficas, filológicas e de edição);
- 2) Captura fotográfica da imagem do original: fotografia sequenciada dos documentos utilizando equipamentos adequados, inserindo na imagem a quantidade necessária de dados que garanta a sua relação com o objeto que a originou. Ou seja: fotografa-se o Documento Físico (DF) para se formar o Documento Digital (DD);
- 3) Catalogação no *Database* DOViC das folhas-imagem componentes do documento;
- 4) Edição fotográfica das imagens e inserção de metadados que possam permitir a correlação com o documento físico original;
- 5) Criação de imagens de uso co-indexadas à imagem-original.

Para a caracterização da nossa pesquisa, seguimos o que diz Minayo (2009, p. 47), citando MARCONI; LAKATOS (1999)

[...] existem várias formas de caracterização de uma pesquisa. Ela pode, por exemplo, ser definida como básica, aplicada, estratégica, segundo a forma de utilização dos resultados ou **descritiva**, explicativa, experimental se for considerado o seu nível de interpretação. (MARCONI; LAKATOS, 1999) Há diversas tipologias possíveis e o recomendável seria empregar aquela que **melhor destaca a natureza e qualidade do estudo**. (MINAYO, 2009, p. 47, grifos nossos)

Seguindo a recomendação dos autores, e tendo em vista a forma que “[...] melhor destaca a natureza e qualidade do estudo”, nossa pesquisa se caracteriza como uma pesquisa descritiva em que se destaca o percurso seguido pelo pesquisador, enquanto pesquisador-colaborador

integrante do quadro de pesquisadores do Laboratório de Pesquisa em Linguística de *Corpus* – LAPELINC/UESB.

Nesse sentido, considera, portanto, a estratégia de pesquisa denominada *pesquisa-ação* que, conforme Thiollent (1985)

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base **empírica** que é concebida e realizada em estreita associação com uma **ação** ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou **participativo**. (THIOLLENT, 1985, p. 14, grifos nossos)

Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. [...] (THIOLLENT, 1985, p. 15)

Desse modo, a realização da pesquisa que será descrita nos tópicos seguintes, conta com a participação efetiva do pesquisador a partir da sua colaboração nos projetos de pesquisa que são desenvolvidos no âmbito do LAPELINC, e pode ser descrita através das experiências vivenciadas durante três etapas principais.

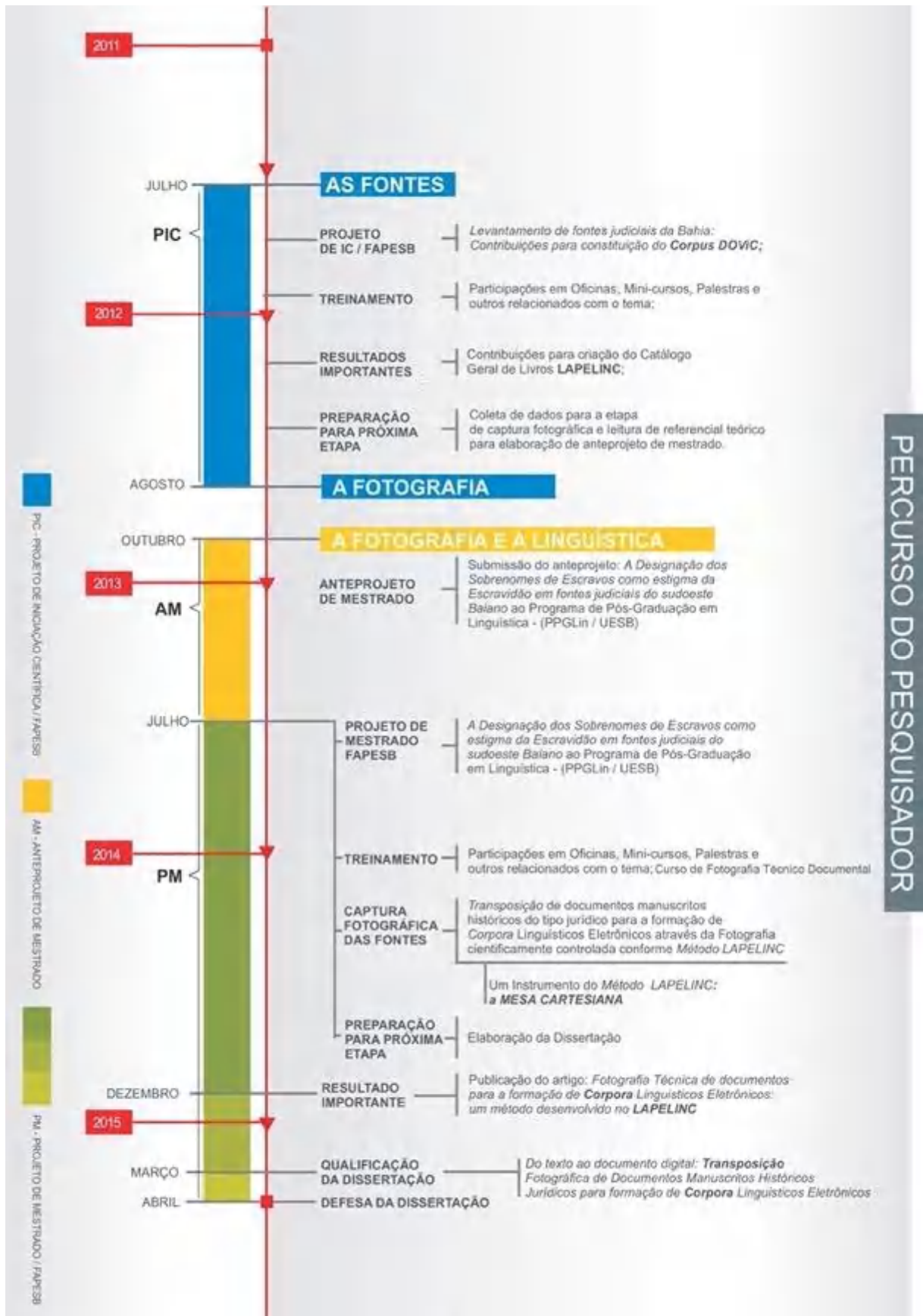
Na primeira etapa, ainda durante a graduação em Letras Vernáculas - UESB, em meados do ano de 2011, o referido pesquisador foi bolsista de Iniciação Científica (IC) pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da BAHIA - FAPESB, em que desenvolveu o projeto intitulado *Levantamento de fontes judiciais da Bahia: contribuições para a constituição do corpus DOViC*, projeto este que vinculou-se a um projeto maior, denominado *Corpora Digitais para a História do Português Brasileiro - Documentos Históricos da Região Sudoeste da Bahia: Aliança PHPH-TYCHO BRAHE* eteve como objetivo principal, contribuir para o desenvolvimento do *Corpus DOViC*, sob a orientação dos professores doutores Jorge Santos Viana, Cristiane Namiuti-Temponi e Candida Mara Britto Leite.

Na segunda, com a submissão do anteprojeto de mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística PPGLin-UESB no ano de 2012, intitulado *A Designação dos sobrenomes de escravos como estigma da escravidão em fontes judiciais do sudoeste baiano e vinculado ao projeto Sentido, argumentação e liberdade político-jurídica na sociedade escravista*, sob a orientação dos professores Dr. Jorge Viana Santos e Dr.^a Cristiane Namiuti Temponi, teve como objetivo geral proceder ao levantamento e ao tratamento eletrônico de fontes para uma decifração, leitura e transcrição de textos localizados em arquivos do século XIX, da 1ª Vara Cível do Fórum João Mangabeira, Seção Judiciária de Vitória da Conquista –

BA, com vistas a contribuir para a constituição do *Corpus* DOViC e com o estudo semântico das formas de enunciação que indicavam relações de libertação-dominação entre senhores e escravos – como a *designação* dos sobrenomes de escravos, por exemplo - que poderia trazer novas luzes para os estudos científicos das mais diversas áreas do conhecimento.

Por fim, na terceira, enquanto aluno do PPGLin-UESB e bolsista FAPESB de mestrado, desde o ano de 2013 até o momento atual, partindo do anteprojeto supracitado, tem como objetivo, descrever a importância da transposição de documentos físicos para o meio digital, através do uso da Fotografia cientificamente controlada, conforme o Método Lapelinc, e está sob a orientação dos professores doutores Jorge Santos Viana e Cristiane Namiuti-Temponi. Tal percurso seguido pelo pesquisador pode ser observado no gráfico a seguir:

Gráfico 1: Infográfico Pesquisador LAPELINC (Giovane)



Fonte: Database DOViC (2015)

Desse modo, o presente trabalho apresenta quatro capítulos: o capítulo 1 trata da importância de documentos manuscritos históricos sendo alguns do tipo jurídico, para a Linguística, a exemplo da Semântica do Acontecimento. Aborda, brevemente, alguns pressupostos da Linguística de *Corpus*, no que diz respeito à coleta de dados para a formação de *corpora* linguísticos eletrônicos, e a busca pela fidedignidade às fontes originais; no capítulo 2, apresentaremos a Fotografia enquanto técnica cientificamente controlada e as vantagens do seu uso, além das etapas que constituem o processo de transposição de documentos manuscritos históricos, do tipo jurídico, que vêm sendo desenvolvidas a partir do Método Lapelinc de transposição; no capítulo 3 tratamos da linguagem fotográfica e a visualização eletrônica de documentos digitais; por fim, no capítulo 4 mostramos quais as contribuições da transposição para os estudos linguísticos, a exemplo da Semântica do Acontecimento.

2 DOCUMENTOS HISTÓRICOS MANUSCRITOS (DO OBJETO)

2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo da história da humanidade, temos assistido a várias descobertas de documentos históricos que vêm contribuindo significativamente para uma melhor compreensão do mundo que nos cerca. Tais descobertas têm influenciado estudiosos dos mais variados campos do conhecimento, seja da Linguagem, da História ou do Direito, só para citar alguns, na busca de respostas para suas investigações, o que nos revela a importância da preservação de documentos deste tipo para o desenvolvimento de pesquisas científicas.

Algumas das descobertas mais significativas relativas a documentos empreendidas pelo homem foram sentidas em pelo menos quatro grandes momentos da história. 1) Na Grécia antiga, por volta de 200 a.C., com a biblioteca de Alexandria e o método filológico de leitura e cópia de textos; 2) No Brasil recém descoberto do século XVI, com *A carta de Caminha* e o *Tratado Descritivo do Brasil* enquanto documentos inaugurais do descobrimento e da história do país; 3) No Egito do século XVIII, com a descoberta e a decifração da *Pedra da Roseta*; e 4) Em 2006, com a divulgação da *National Geographic* do achado do *Evangelho de Judas*, em um deserto egípcio.

A Biblioteca de Alexandria, que esteve em atividade no antigo Egito por volta dos séculos III e IV a.C., desempenhou um papel muito importante para a história da humanidade, pois funcionava como uma instituição de localização, coleta, organização e preservação de documentos manuscritos advindos de várias partes do mundo (cf. FLOWER, 2010, p. 8). Foi a partir desta biblioteca que obtivemos contato com alguns textos ilustres da história, como por exemplo, os textos do poeta grego Homero e dos filósofos Aristóteles e Platão. A instituição funcionou como um centro cultural grego de leitura, preservação e arquivamento de textos se constituindo em

[...] um centro de livros e de decifração de textos antigos, que assistiu ao desenvolvimento de uma verdadeira *gramática* como estudo especializado, directamente orientado para a linguagem enquanto objecto organizado em si, rompendo todas as pontes que ligavam a filosofia à lógica. [...] (KRISTEVA, 1969, p. 122)

Graças à biblioteca de Alexandria, os gramáticos alexandrinos, baseando-se em documentos, puderam desenvolver muitos estudos da linguagem e da gramática que

contribuíram significativamente para o desenvolvimento das ciências da linguagem, como a Linguística por exemplo.

Do mesmo modo, alguns documentos manuscritos históricos lavrados por volta dos séculos XV e XVI, também demonstraram características essenciais para a compreensão da sociedade, da linguagem e da língua, como por exemplo, a *Carta de Pero Vaz de Caminha* e o *Tratado Descritivo do Brasil em 1587* de Gabriel Soares de Souza.

A *Carta de Caminha*, na qual o português produz um louvor “das terras e das gentes” com que se deparou toda a frota cabralina de 1500, constitui um dos documentos históricos manuscritos mais importantes para o estudo da história do Brasil, dos indígenas brasileiros e de Portugal colonizador, além de configurar um exemplo típico das características do português utilizado no momento do descobrimento do Brasil, funcionando, assim, como importante documento histórico e, concomitantemente, como acontecimento fundador do país.

O *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, obra de Gabriel Soares de Souza, importante jesuíta e gramático que vivera na Bahia por volta de 1565 e 1569, apresenta um capítulo específico *Em que se declara o modo e a linguagem dos tupinambás*. O padre traz ao conhecimento dos leitores a existência de um fato linguístico característico dos indígenas que aqui se encontravam:

[...] Têm muita graça quando falam, mormente as mulheres; são mui compendiosas nas formas de linguagem, e muito copiosos no seu orar; mas faltam-lhes três letras das do ABC, que são F, L, R grande ou dobrado, coisa muito para se notar. [...] (SOUSA, 1587, p. 302)

Como se vê, a *Carta de Caminha*, bem como o *Tratado* de Soares de Souza escrito em 1587, sendo documentos manuscritos históricos, demonstram características que podem interessar tanto a linguistas, quanto a historiadores, juristas e demais pesquisadores. Documentos como estes constituem exemplos de grande valia tanto para a Linguística quanto para outras ciências, na medida em que possibilitam a coleta de dados importantes para o desenvolvimento de pesquisas científicas.

A descoberta da *Pedra da Roseta*, no final do século XVIII da era moderna, também representou um exemplo muito importante para a humanidade. A estela egípcia apresentou um conjunto de textos que, desde então, tem influenciado significativamente os estudos, tanto da história da sociedade egípcia, quanto da história da linguagem. Foi a partir da decifração dos textos egípcios contidos neste documento, que o francês Jean-François Champollion, em 1822, conseguiu estabelecer a complexidade do sistema de escrita egípcio, que não é apenas fonético

(cf. KRISTEVA, 1969, p. 74), o que representou um salto de fundamental importância para o desenvolvimento do método de estudo linguístico e histórico.

Na era pós-moderna, mais precisamente no ano de 2002, o mundo assistiu a uma descoberta noticiada pela Sociedade Geográfica Nacional (*National Geographic Society*) de um documento manuscrito histórico no mínimo polêmico: *O Evangelho de Judas Iscariotes*. Oriundo de um dos desertos egípcios e escrito no idioma *copta*, o manuscrito merecia atenção tanto do ponto de vista linguístico quanto histórico. Assim, Robert Krosney, importante escritor e documentarista da *National Geographic Society*, narra em seu livro *O evangelho perdido: como o mundo veio a conhecer a versão de Judas Iscariotes para a morte de Cristo* (2006), etapas do método de coleta e preservação do manuscrito de modo que pudesse garantir a fidedignidade:

Foi um dos quebra-cabeças mais complexos jamais criados pela **história**. [...] só que as folhas de papiro estavam desfeitas em incontáveis pedacinhos. Se um fragmento se encaixava de um lado, precisava também se encaixar no verso. [...] Para evitar tocar nos documentos, os estudiosos conceberam um **plano engenhoso**. Primeiro, **usando fotos dos fragmentos e das páginas**, Kasser [Membro da equipe responsável pela fotografia] procura algum encaixe. Em seguida, trabalhando com fotocópias, ele corta e cola os pedaços. [...] (KROSNEY, 2006, p. 7-8, grifos nossos)

Diante do exposto, percebemos que a coleta, a preservação e a divulgação de documentos históricos manuscritos é de suma importância para o desenvolvimento de pesquisas, tanto no âmbito da Linguística, quanto da História e de outras áreas do conhecimento.

Em Alexandria: destaca-se o fato de já haver o funcionamento de um método e tecnologia que garantia a coleta, a organização, a preservação, o estudo e - muito importante - a divulgação de resultados, através de manuais e tratados, dentre outros.

No tocante aos documentos brasileiros, se, por um lado, a *Carta de Caminha* funcionou como documento histórico que ao mesmo tempo oficializou o descobrimento do Brasil, e registrou por escrito a visão primeira do europeu sobre a terra descoberta, por outro lado, *O Tratado Descritivo do Brasil em 1587* tem seu valor enquanto documento que ao mesmo tempo é histórico (descreve o Brasil de uma época) e linguístico (descreve características da língua falada na época).

No que concerne à *Pedra da Roseta*, como vimos, trata-se de documento que se destaca para a Linguística porque sua decifração funcionou como prova precursora da eficácia do método comparativo, mais tarde refinado pelo linguista Franz Bopp; e, concomitantemente, destaca-se para a História porque tal decifração permitiu a leitura da escrita monumental

hieroglífica, abrindo para a Egiptologia, até os dias atuais, a possibilidade de conhecimento da sociedade egípcia antiga e de sua complexidade.

E, em relação ao *Evangelho de Judas*, enfatiza-se que o método empregado na coleta, inclusive fundamentado na Fotografia, foi o único meio de tornar acessível o registro de uma língua antiga não mais falada.

Vimos assim, nos exemplos citados, que o acesso a documentos deste tipo se deu, muitas vezes, pela busca da preservação, da decifração e da divulgação dos textos, o que contribuiu para a difusão da produção escrita, da língua, da cultura e da memória de muitos povos.

No tocante ao Brasil de hoje, mais precisamente em arquivos jurídicos da região do sudoeste baiano, Santos (2008, p. 136) afirma a existência de documentos manuscritos históricos, originários da 1ª Vara Cível do Fórum João Mangabeira, em Vitória da Conquista – BA. O autor salienta que nestes documentos encontram-se materializadas linguisticamente algumas formas de enunciação que constituem objeto de interesse de muitos pesquisadores no âmbito da Linguística, sobretudo os semanticistas. Namiuti e Santos (2010) afirmam ainda que

[...] Estes documentos são sem dúvida de extremada importância, não só para a memória da região, como também para a reconstrução do quadro histórico-linguístico da região do Sudoeste da Bahia, dentro de um quadro maior e mais complexo que engloba o português escrito na Bahia e no Brasil. [...] (NAMIUTI; SANTOS, 2010, p. 1-2)

Essa realidade, porém, encontra algumas dificuldades: acesso e disponibilização de documentos históricos para fins de pesquisa; e, no caso de reprodução e/ou cópia de documentos desse tipo, a garantia de fidedignidade necessária para a pesquisa científica.

Nessa perspectiva, demonstramos algumas propostas de preservação e divulgação de documentos manuscritos históricos do tipo jurídico, realizados no Laboratório de Pesquisa em Linguística de *Corpus* - LAPELINC como meios de permitir a coleta, a preservação, a organização e a disponibilização sistematizada destes documentos, a fim de garantir a fidedignidade necessária para fins de pesquisas.

Para tanto, neste capítulo apresentamos, num primeiro momento, a importância de documentos históricos manuscritos do tipo jurídico para estudos da Linguística, sobretudo alguns dos que tomaram como base, por exemplo, a Semântica do Acontecimento. Em segundo, demonstramos alguns pressupostos da Linguística de *Corpus* enquanto vertente da Linguística que trata do tratamento eletrônico de textos antigos. Por fim, algumas propostas do Método Lapelinc para garantir fidedignidade aos documentos manuscritos históricos, da região Sudoeste da Bahia.

2.2 A IMPORTÂNCIA DE DOCUMENTOS MANUSCRITOS HISTÓRICOS DO TIPO JURÍDICO, PARA A LINGUÍSTICA, A EXEMPLO DA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO

Os documentos manuscritos históricos, a exemplo dos jurídicos, constituem provas escritas de acontecimentos, fatos e relações sociais de grande importância para a compreensão da vida em sociedade. Nesse sentido, Santos (2008, p. 147) ressalta que alguns dos documentos relativos à escravidão brasileira foram destruídos, tendo em vista uma ordem dada pelo Ministro Rui Barbosa durante o fim do século XIX

[...] aconteceu que, logo após a proclamação da República em 1889, o então Ministro da Fazenda Rui Barbosa (cf. MATTOSO, 1972, p. 25) ordenou a queima de documentos, livros e registros fiscais relativos à escravidão. [...]

No entanto, alerta o autor que

[...] apesar dessa destruição oficial de documentos, muitas fontes foram preservadas. Testamentos de senhores e de ex-escravos, escrituras de compra e venda, registros de matrícula, processos civis e criminais, livros de batismos e [...] **cartas de liberdade** [...] - documentação que, felizmente, sobreviveu àquela tentativa oficial de apagamento de memória. (SANTOS, 2008, p. 148, grifos do autor)

Nesse sentido, o autor afirma ao longo do seu texto, que no arquivo do Tabelionato de Ofícios da 1ª. Vara Cível, do Fórum João Mangabeira em Vitória da Conquista - BA encontramos documentos manuscritos históricos, do tipo jurídico, que contam a história da cidade, da escravidão e da língua portuguesa, e podem interessar a pesquisadores dos mais variados campos do conhecimento, tais como antropólogos, sociólogos, historiadores, juristas, e, do ponto de vista da Linguística podem interessar aos semanticistas, visto que se constituem enquanto formas de materialização da língua na medida em que apresentam formas de enunciação diferenciadas.

Considerando Bréal (1897, p. 195), a Linguística é uma ciência histórica, isto é, uma ciência humana que toma a linguagem como um fenômeno social/coletivo cuja base é *o elemento subjetivo*, parte, para ele, essencial da linguagem. Isto equivale a dizer que

[...] O histórico não é em Bréal uma relação entre o que veio antes e o que veio depois, em virtude de uma lei mecânica e necessária. [...] O histórico diz respeito à **intervenção do sujeito na linguagem**, da vontade na linguagem

[...]. [...] A posição de Bréal, assim, questiona a sucessividade do comparativismo do século XIX. [...] Esse questionamento está fundamentalmente ligado a uma concepção de o que **o que importa na linguagem são os sentidos**. [...] (GUIMARÃES, 2008, p. 11, grifos nossos)

Tal atividade humana, envolvendo a linguagem, se materializa na língua, refletindo leis, memórias, tradições, costumes, por exemplo, em documentos manuscritos históricos que, por isto, são históricos ao mesmo tempo na língua e na história. Seguindo os postulados do autor, teóricos da Semântica do Acontecimento ao reconfigurar a noção do que é histórico na língua (desenvolvendo noutros parâmetros, tais como a partir da noção de acontecimento) também partem de um ponto de vista de que a língua é “histórica”, materializando-se através de enunciados integrados em textos (cf. GUIMARÃES, 2011, p. 2), a exemplo de documentos manuscritos históricos dos mais variados tipos, como veremos adiante.

Como dito por Santos e Brito (2014, p. 2), ao depararmos com documentos antigos, podemos encontrar respostas para fenômenos linguísticos complexos. Isto pode ser comprovado a partir do que foi feito em quatro trabalhos de Linguística, especificamente de Semântica, todos tomando como *corpus* de análise documentos históricos manuscritos do tipo jurídico datados do século XIX. Santos (2008) investiga os conceitos de liberdade circulantes em cartas de alforria no Brasil durante o período de 1830 a 1888, analisando um *corpus* de cartas de alforria originais de Vitória da Conquista – Bahia, cartas historicamente consideradas como instrumentos legais de libertação, mas que, demonstra o autor, funcionavam, paradoxalmente como instrumentos linguístico-históricos de “libertação-dominação”. Por seu turno, Santos (2013), analisa

[...] enunciados de 6 processos de tutela da cidade de Rio de Contas – Bahia, do período de pós-abolição, mais precisamente, entre 1888 e 1895, paralelamente a enunciados das Ordenações Filipinas, para depreender o funcionamento de sentido das palavras, *tutor*, *órfão*, *educação* e *amor paternal* que, embasando argumentos jurídicos, depois da Abolição, em tentativas de prolongar-se a condição de escravizado dessas crianças, caracterizaram-se tutelas brasileiras de filhos de ex-escravas assistidos pela Lei do Ventre Livre. (SANTOS, 2013, p. VII, grifos do autor)

Ferraz (2014), considerando na materialidade de determinados enunciados de cartas de liberdade e textos da imprensa baiana do século XIX, analisa como se caracterizou semanticamente o senhorio brasileiro. Por seu turno, Resende (2014 no prelo) que analisa a concessão jurídica da liberdade no Brasil escravista: sentidos de liberdade no sistema jurídico

legal e consuetudinário brasileiro, a partir de um *corpus* de leis abolicionistas e cartas de liberdade do século XIX.

Tais trabalhos foram desenvolvidos a partir de documentos manuscritos históricos do tipo jurídico, integrantes de um *corpus* digital eletrônico formado conforme o Método Lapelincem suas etapas de coleta, organização, preservação e disponibilização: o *corpus* eletrônico DOViC, composto por documentos manuscritos históricos do tipo jurídico, de Vitória da Conquista e do Sudoeste da Bahia. Em conjunto, os quatro trabalhos (e vários outros podem ser citados) confirmam a importância dos documentos manuscritos históricos jurídicos para a Linguística, a exemplo da Semântica do Acontecimento.

Nesse sentido, para que estudiosos da Linguística possam ter acesso a documentos desse tipo é preciso, dentre outros aspectos, realizar coletas de dados de forma sistematizada seguindo princípios da Filologia, da Paleografia e da Linguística de *Corpus*, dentre outros. Para tanto, abordamos no tópico seguinte, algumas formas de sistematização de dados para a formação de *corpora* linguísticos que tornem viáveis as investigações científicas deste ramo.

2.3 A LINGUÍSTICA DE CORPUS E A COLETA DE DADOS PARA A FORMAÇÃO DE CORPORA LINGUÍSTICOS ELETRÔNICOS

Tendo em vista os avanços tecnológicos alcançados devido à criação do computador e de suas ferramentas, um número cada vez maior de pesquisadores têm se utilizado desses meios para o desenvolvimento de pesquisas, fazendo despontar dentro da Linguística uma nova prática científica, a Linguística de *Corpus* (Doravante, LC).

A LC surgiu a partir da década de 1990, da ligação entre os estudos diacrônicos com a prática moderna de edição de textos (cf. NAMIUTI, SANTOS e LEITE, 2011). Este ramo da Linguística se ocupa da coleta, análise e constituição criteriosa de dados para a composição de *corpora* linguísticos que possam servir de base para os estudos das mais diversas áreas do conhecimento.

A coleta, análise e constituição de *corpora* linguísticos, conforme praticada pelos estudiosos da Linguística de *Corpus*, devem seguir padrões e critérios que garantam uma total fidedignidade aos textos originais, pois é preciso estabelecer métodos científicos viáveis e confiáveis. Nesse sentido, Barreiros (2014) salienta que

Não há dúvida de que a escrita digital desfruta de uma nova condição textual e, acolher manuscritos e impressos nesse novo contexto, exige o desenvolvimento

de estratégias que preservem, na medida do possível, as características materiais dos textos. A filologia, pelo seu caráter genuinamente interdisciplinar, aliada à informática, é a disciplina que consegue dar conta dessa problemática (...). (BARREIROS, 2014, p. 35)

Aliados aos critérios científicos da filologia tais como a fidedignidade, a Linguística de *Corpus* se apresenta enquanto uma disciplina do ramo da Linguística que visa solucionar problemas relacionados a constituição de *corpora* linguísticos cientificamente manipuláveis. Tal ramo da Linguística tem como expoente no Brasil, dentre outros, o professor Tony Berber Sardinha, que em seu livro *Linguística de Corpus* (2004) salienta que enquanto ciência, a LC trata da

[...] coleta e da exploração de corpora, ou conjunto de dados lingüísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variante lingüística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador. [...] (SARDINHA, 2004, p. 3)

A LC tem-se destacado nos últimos anos como ramo da Linguística que trata da coleta de dados e da formação de *corpora* eletrônicos científicos manipuláveis que possam facilitar o acesso a textos antigos, bem como possibilitar o desenvolvimento de técnicas e ferramentas para o auxílio de investigações científicas no âmbito da Linguística. Para tanto, alguns pesquisadores têm argumentado a respeito do estatuto que orienta a LC e, conforme Martins (2007, p. 2) citando Berber Sardinha (2004),

[...] Para um grupo, a LC é vista como uma **metodologia**, já que seu instrumental pode ser aplicado livremente em várias disciplinas, sem mudar a orientação teórica destas. Entendendo metodologia como um “modo típico de aplicar um conjunto de pressupostos de caráter teórico, então a Linguística de Corpus pode ser vista como metodologia” (p. 36). Um segundo grupo defende que a LC é mais que uma metodologia, uma vez que seus praticantes produzem **conhecimento novo**, não adquirível com o uso de outras ferramentas e outros pressupostos teóricos. Finalmente, o terceiro grupo vê a LC como uma abordagem, uma perspectiva, uma maneira de enxergar a linguagem. (MARTINS, 2007, p. 2, grifos nossos)

Conforme Namiuti-Temponi, Santos, Costa e Farias (2013, p. 10), a investigação diacrônica depende de textos antigos. Entretanto, muitos dados de língua que podem servir de base para investigações científicas ainda se encontram em formatos que impossibilitam o desenvolvimento de pesquisas.

[...] no Brasil, grande parte dos documentos históricos que sobreviveram ao tempo, seja em arquivos públicos, privados ou pessoais, não está acessível do ponto de vista científico (enquanto *corpus* manipulável) ao pesquisador, nem tampouco do ponto de vista material do cidadão. [...] (p. 10)

Desse modo, vê-se que o pesquisador que necessita de documentos antigos na composição de *corpora* linguísticos para suas análises, encontra algumas dificuldades relacionadas, por exemplo, ao acesso, a disponibilização e a garantia da fidedignidade de documentos históricos para fins de pesquisa.

Como alternativa para lidar com essas dificuldades, e tendo em vista que os pesquisadores da LC buscam constituir em suas práticas o desenvolvimento de novos conhecimentos, tais como ferramentas de edição e tratamento de textos, em *Memórias do Texto* (2006), Maria Clara Paixão de Sousa apresenta uma ferramenta de transcrição e modernização de textos que se constitui enquanto

[...] uma técnica de processamento de textos que permite controlar sucessivas etapas de edição, com o objetivo de aproximar a edição especializada de textos e os desenvolvimentos recentes das tecnologias de processamento em meio digital especializada de textos [...] A meta inicial [...] foi a de preparar textos para serem automaticamente analisados por ferramentas computacionais, com o objetivo de possibilitar buscas especializadas (por classes de palavras e por estrutura sintática) [...] (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 1).

O *E-dictor* constitui uma ferramenta que foi desenvolvida pelo grupo de pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no trabalho de implementação do *Corpus Histórico do Português Anotado Tycho Brahe*, utilizada para a edição de textos antigos. Como diz a autora, o desafio enfrentado na construção da ferramenta, foi o de “[...] desenvolver um tratamento dos textos que permitisse o processamento automático sem perder a possibilidade do uso e material filologicamente consistente” (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 1).

O desenvolvimento de ferramentas computacionais para lidar com textos antigos tem como base a fidedignidade às fontes originais. Assim, a fidedignidade constitui pressuposto primordial para o desenvolvimento de pesquisas no âmbito da LC, pois é preciso pensar em técnicas de transcrição, edição e anotação de textos que atendam às necessidades reais dos pesquisadores que procuram meios de otimizar seus estudos.

Nesse sentido, como proposta para lidar com documentos manuscritos históricos, como por exemplo, os oriundos da 1ª Vara Cível do Fórum João Mangabeira em Vitória da Conquista – BA (que possibilitaram o desenvolvimento dos trabalhos de Santos (2008), Santos (2013), Ferraz (2014) e Resende (2014 no prelo), a fim de garantir a fidedignidade necessária tornando

os documentos pesquisáveis do ponto de vista científico, tem-se desenvolvido e praticado no LAPELINC, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, algumas práticas metodológicas que merecem destaque, às quais abordaremos no tópico seguinte.

2.4 A FIDEDIGNIDADE ÀS FONTES ORIGINAIS (PROPOSTAS DO MÉTODO LAPELINC)

A proposta do Método Lapelinc para garantir a fidedignidade às fontes originais procura contemplar três pressupostos: a) a integração entre o tratamento filológico com o computacional; b) a complexidade do documento histórico manuscrito; e c) o uso da Fotografia enquanto método de transposição do texto em papel para o meio digital.

Em primeiro lugar, como proposta de garantia de fidedignidade a textos antigos, Namiuti, Santos e Leite (2011) apresentam a integração entre o tratamento filológico com o computacional na elaboração de *corpus* para o estudo do português.

[...] a integração entre o tratamento filológico e o computacional na elaboração de corpus para o estudo do português brasileiro é especialmente importante para a preservação e divulgação do patrimônio histórico-linguístico do sudoeste baiano, da Bahia e do Brasil [...] (NAMIUTI; SANTOS; LEITE, 2011, p. 1)

Assim configurada, a proposta dos autores aponta para alguns dos métodos estabelecidos no LAPELINC no tratamento de textos antigos que venham a integrar *corpora* linguísticos eletrônicos. O trabalho com textos antigos que é desenvolvido no Laboratório tem como base o Método Lapelinc de transposição de textos antigos, e, por sua vez, baseia-se no método e na filosofia de dois outros grandes projetos nacionais: por um lado, nos critérios filológicos do PHPB (*Projeto para a História do Português Brasileiro*); e, por outro lado, utiliza as tecnologias de tratamento computacional desenvolvidos no âmbito do projeto temático *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Linguística* (GALVES et al, 1997-2010), na construção do *Corpus Tycho Brahe*.

Em segundo lugar, o ponto de partida para o tratamento de textos antigos, na construção de *corpora* linguísticos eletrônicos, encontra-se na reflexão a respeito da complexidade do documento históricomanuscrito, destacando três características principais desse tipo de texto: o acesso, a forma e a fragilidade e/ou raridade (cf. Santos 2010a, 2010b).

Em relação ao acesso, o autor afirma que muitos documentos desse tipo se encontram, ora em arquivos institucionais, ora em arquivos pessoais, o que dificulta a sua disponibilidade para fins de pesquisa, pois muitas vezes o pesquisador não dispõe de meios específicos para a coleta de dados no local.

No tocante à forma, o autor ressalta que, sendo físico, tridimensional e não padronizado, os documentos históricos carecem de meios e técnicas que garantam o resgate das informações contidas em cada documento em específico.

Por fim, no que diz respeito à fragilidade e/ou raridade dos documentos, Santos (2010a, 2010b) afirma que eles impõem um cuidado específico no seu manuseio que evitem lhe causar danos.

Em terceiro, diretamente articulada com a integração entre o tratamento filológico com o computacional e a complexidade do documento histórico manuscrito, propõe-se o uso da Fotografia enquanto método de transposição do texto em papel para o meio digital. Tendo em vista, especificamente, os três aspectos que envolvem a complexidade do documento histórico, os pesquisadores da área de Fotografia do LAPELINC apresentam algumas propostas para o tratamento de documentos históricos na construção de *corpora* linguísticos eletrônicos anotados. Nas práticas do Laboratório, considera-se o uso da Fotografia cientificamente controlada enquanto um método de transposição do texto em papel para o meio digital, visando a construção do *Corpus* DOViC que tem como objetivo contribuir para recuperar a memória histórica e linguística da região e permitir à Linguística e outras ciências acessar imagicamente, de modo confiável, um objeto físico (o documento), muitas vezes, não disponível ao pesquisador (cf. NAMIUTI-TEMPONI; SANTOS; LEITE, 2011, p. 3-4).

De modo que possamos compreender de que forma a Fotografia cientificamente controlada pode garantir a fidedignidade às fontes originais de documentos históricos, por exemplo, os jurídicos da região sudoeste, é preciso que compreendamos os aspectos técnicos que envolvem o processo de transposição, tal como é aplicado no LAPELINC, tendo em vista a necessidade de controle científico para tanto, assunto que abordaremos nos tópicos do capítulo seguinte.

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, vimos que os documentos manuscritos históricos representam fontes de valor inestimável para o desenvolvimento de estudos a respeito das sociedades. Destacamos ainda a importância que documentos manuscritos históricos do tipo jurídico detêm para estudos da Linguística, a exemplo os que tomaram como base a Semântica do Acontecimento. Observamos também que alguns pressupostos da Linguística de *Corpus*, enquanto vertente tecnológica da Linguística, abordam o tratamento eletrônico de textos antigos na constituição de *corpora* linguísticos eletrônicos que, por sua vez, podem contribuir de forma significativa para o acesso fidedigno a documentos manuscritos históricos do tipo jurídico. Por último, apresentamos algumas propostas do Método Lapelinc para garantir a fidedignidade aos documentos manuscritos históricos jurídicos da região Sudoeste da Bahia: em suas práticas

científicas, o LAPELINC apresenta um método científico próprio que vem sendo desenvolvido, aplicado e aperfeiçoado desde 2008 (SANTOS, 2008; SANTOS, 2010a, 2010b; NAMIUTI, SANTOS; LEITE, 2011; SANTOS, 2013a, 2013b; NAMIUTI-TEMPONI; SANTOS; COSTA; FARIAS, 2013; BRITO; SANTOS; NAMIUTI-TEMPONI, 2013) no processo de transposição de documentos manuscritos originais em papel para o formato digital, com vistas a integrar *corpora* eletrônicos anotados. Com o auxílio da Fotografia cientificamente controlada, pode-se garantir a fidedignidadenecessária ao desenvolvimento de pesquisas científicas. É o que esperamos demonstrar, de forma mais acurada, nos capítulos seguintes.

3 MÉTODO LAPELINC DE TRANSPOSIÇÃO (O PROCESSO)

3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As imagens fotográficas representam um importante papel para o mundo digital. Cesar & Piovan(2003, p. 156), citando Eduard Cui, afirmam que “[...] ‘mundo digital’ é o universo dos equipamentos que utilizam a linguagem digital para a captação, armazenamento, processamento e transmissão de informações”. Nesse contexto, inserem-se ainda as construções e os tratamentos de imagens, visualizadas e lidas através de telas. As telas (seja de *um smartphone, tablet* ou computador pessoal) podem reproduzir imagens técnicas geradas por aparelhos fotográficos, tais como câmeras e escâneres, imagens estas que em sua grande maioria se constituem enquanto imagens fotográficas codificadas digitalmente.

Assim codificadas e visualizadas através de telas, as imagens fotográficas constituem, sem dúvida, um dos meios mais democráticos de veiculação e transmissão de informações, desde a invenção da Fotografia em 1829 por Joseph Niépce e Louis Jacques Daguerre (cf. CURT, 1981, p. 25) e da Câmera Fotográfica de 35mm. O caráter popular da Fotografia fez com que uma quantidade cada vez maior de pessoas explorasse o potencial da técnica fotográfica.

Para a confecção deste trabalho, por recorte metodológico, interessa-nos aqui explorar o potencial científico da Fotografia, uma vez que

Para os estudiosos da história social, da história das mentalidades e dos diferentes gêneros de história, assim como para **os pesquisadores de outros ramos do conhecimento**, são as imagens documentos insubstituíveis cujo **potencial** deve ser explorado. [...] (KOSSOY, 1989, p. 20, grifos nossos)

Nesse sentido, neste capítulo abordamos algumas noções referentes à Fotografia no que tange tanto ao processo de captura de imagens, quanto ao resultado final desse processo. Assim, destacamos o uso científico da Fotografia (cientificamente controlada) fundamentado no método de transposição de documentos manuscritos históricos, do tipo jurídico para o meio digital: o Método Lapelinc, conforme citado no capítulo 1.

Para tanto, o capítulo apresenta duas partes: 2.2 A Fotografia e 2.3 A Transposição de documentos: Do Documento Físico (DF) para o Documento Digital (DD). A 2.2 aborda a Fotografia enquanto Linguagem, destacando a Fotografia técnica de documentos conforme o Método Lapelinc. Por sua vez, a 2.3 aborda duas etapas do método, a saber: Controle, que

apresenta o Catálogo Visual e o Dossiê de Observações Pertinentes; e Captura com destaque para a Mesa Cartesiana.

3.2 A FOTOGRAFIA

Desde a sua origem, no início do século XIX, a Fotografia tem surpreendido muitas pessoas graças à sua capacidade de representar, de forma fidedigna, os objetos que estão diante da câmera, “[...] já que a informação visual do fato representado na imagem fotográfica nunca é posta em dúvida.” (cf. KOSSOY, 1989, p. 69). Esse caráter fidedigno de representação da Fotografia se dá pela natureza de sua linguagem. Assim, compreender o que constitui a Fotografia enquanto tal é entender o que faz com que sua técnica garanta a *fidedignidade* aos objetos que ela representa e, por conseguinte, as características da linguagem fotográfica.

De acordo com *The Focal encyclopedia of Photography* (1993), a Fotografia pode ser compreendida de duas maneiras e, para tanto, apresenta dois vocábulos distintos: *Photography* e *Picture*. O primeiro, refere-se ao fato de que “A palavra Fotografia, derivada da raiz grega, significando escrever com a luz, foi posteriormente substituída por Niépce pela palavra Heliografia (escrever com o sol) e por Talbot pela frase desenho fotogênico.” (STROEBEL; ZAKIA, 1993, p. 598). O segundo, diz repeito “A representação visual de um objeto ou cena, a partir de uma fotografia, pintura ou desenho.” (STROEBEL; ZAKIA, 1993, p. 634).

Percebe-se assim que o vocábulo *Photography* em inglês descreve um percurso de técnicas fotográficas que abrange de um lado, tanto a linguagem e o seu respectivo processo de captura de imagens por um aparelho com, no mínimo, uma superfície sensível à luz, a exemplo da câmera, e, de outro o termo *Picture* indica o resultado final dessa captura, a imagem fotográfica. Para fins de esclarecimento, utilizamos ao longo deste texto “Fotografia” com inicial em maiúscula, para nos referir ao processo, e “fotografia” com inicial em minúscula, para nos referir ao resultado, tendo em vista que em português os conceitos se amalgamam em uma única palavra.

Assim, em relação à fotografia enquanto resultado, Flusser (2002, p. 7) diz que “[...] As imagens são, portanto, resultado do esforço de se abstrair duas das quatro dimensões do espaço-tempo para que se conservem apenas as dimensões do plano”. Percebe-se que enquanto resultado, a fotografia sugere a transformação de uma realidade tridimensional para outra bidimensional.

Por outro lado, no que tange a Fotografia enquanto processo, muitos elementos entram em cena no momento da sua realização. Machado (1984, p. 39) ao tratar de alguns desses elementos nos diz que

Se não existir a câmara escura, a lente com seu poder organizador dos raios luminosos, um diafragma rigorosamente aberto como manda a análise da luz operada pelo fotômetro, um obturador com velocidade compatível com a abertura do diafragma e a sensibilidade da película, se não houver ainda uma fonte de luz natural ou artificial modelando o referente e um operador regendo tudo isso, também não haverá **fotografia** [...] (MACHADO, 1984, p. 39, grifo nosso)

Conforme o autor, durante o processo da Fotografia, um conjunto de elementos próprios da linguagem fotográfica corroboram para a formação de uma imagem fotográfica enquanto resultado, ou seja, o produto dessa operação. Nesse sentido, Kossoy (1989) estabelece os três elementos essenciais da Fotografia: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia, salientando que

“[...]são estes os três elementos constitutivos que lhe deram origem através de um *processo*, de um ciclo que se completou no momento em que o objeto teve sua imagem cristalizada na bidimensão do material sensível, num preciso e definido *espaço e tempo*” (KOSSOY, 1989, p. 23, grifos do autor).

Nesse sentido, para o mesmo autor,

O produto final, a **fotografia**, é portanto resultante da ação do homem, o fotógrafo, que em um determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia em cada época. (KOSSOY, 1989, p. 23, grifo nosso)

O resultado do processo da Fotografia, a imagem fotográfica que se alcança através da conjunção dos elementos da Fotografia citados por Kossoy (1989), se constituiu na utilização de uma linguagem que lhe é própria, a linguagem fotográfica, e dela falaremos no tópico a seguir.

3.2.1 A Fotografia enquanto linguagem

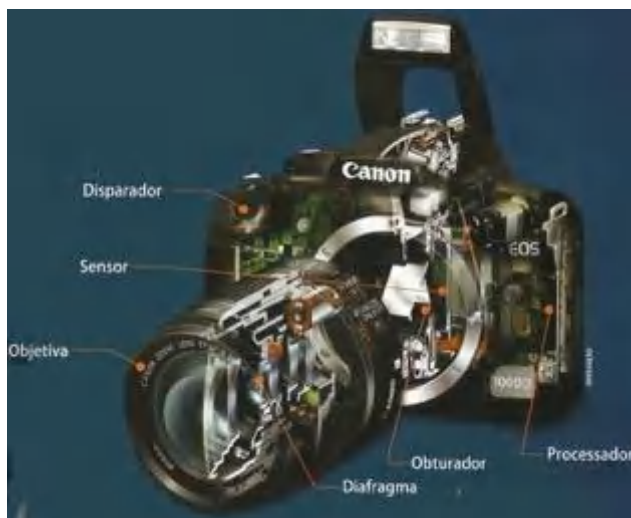
Santos (2010b) considera que os elementos fundamentais da Fotografia são ao mesmo tempo técnicos, teóricos e práticos. O autor, em sua exposição, aborda alguns dos principais elementos, dando ênfase para os quatro seguintes: o enquadramento, a composição, a focalização e a iluminação.

Em relação ao enquadramento, o autor esclarece que “Diz respeito a quanto e o que aparecerá na imagem; envolve a definição do quadro, podendo ser aberto ou fechado, o qual se relaciona diretamente com a proximidade do objeto e com o uso de tal ou qual **lente**”. Nesse sentido,

[...] A **lente** objetiva de uma máquina fotográfica é uma lente convergente que, de um objeto real, conjuga uma imagem real e invertida. Essa imagem deverá recair sobre o filme, para que possamos obter uma fotografia nítida. A máquina fotográfica possui dispositivo que altera a distância focal da lente ao filme para que, a cada exposição do objeto, a imagem possa se projetar sobre o filme. A lente objetiva em geral, é a lente resultante da associação de lentes; o diafragma da máquina fotográfica é o dispositivo que regula a quantidade de luz, nela incidente. (TASHIBANA; FERREIRA; ARRUDA, 1996, p. 176, grifo nosso)

TASHIBANA, FERREIRA, ARRUDA (1996) elencam alguns dos componentes da linguagem fotográfica que entram em conjunto na constituição de uma imagem pela câmera fotográfica com lente, fato que pode se observar na Figura 1.

Figura 1: Câmera Fotográfica com Lente (Objetiva)



Fonte: MELO; ALMÉRI (2013)

Para complementar, Aumont (1993), ao comentar os elementos da Fotografia, postula que

[...] O **enquadramento** é pois a atividade da moldura, sua mobilidade potencial, o deslize interminável da janela à qual a moldura equivale em todos os modos da imagem representativa baseados numa referência, primeira ou última, a um olho genérico, a um olhar, ainda que perfeitamente anônimo e desencarnado, cuja imagem é o traço. (AUMONT, 1990, p. 153, grifo nosso)

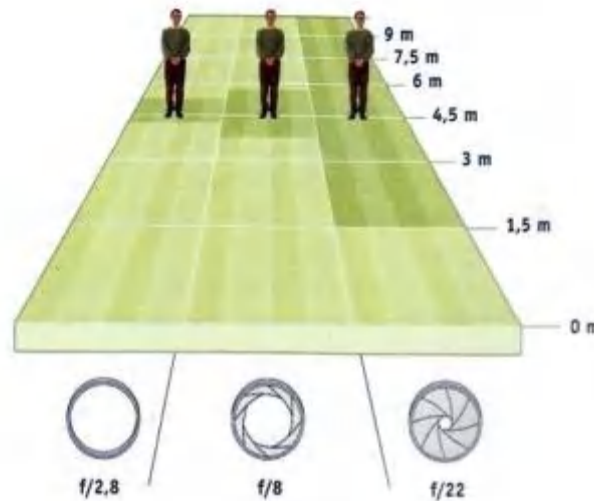
No que tange à composição, Santos (2010b) assinala que “Refere-se a **como** o *objeto* será disposto no quadro, isto é, como aparecerá na fotografia (*photograph, picture*), relacionando-se com outros objetos e com o **fundo**.” O autor destaca ainda alguns elementos de composição, tais como o ponto de vista/ ângulos e as perspectivas.

Quanto à focalização, o autor considera que “Refere-se a **que plano(s) aparecerá(ão)** e/ou será(ão) destacado(s). Pressupõe um fenômeno óptico fundamental: a profundidade de campo, também responsável pela textura.” Tendo em vista que

[...] Cada vez que focamos um ponto de uma determinada cena, temos uma zona de foco nítido, tanto na frente, como atrás desse ponto. Se dividirmos esta área em três partes iguais e partirmos do ponto onde colocamos o foco na câmera, teremos foco em 1/3 antes do ponto focado da cena e 2/3 na parte posterior da área. Essa área de foco nítido é conhecida como **profundidade de campo**. Esta **profundidade de campo** é determinada pela abertura da objetiva (f), pela distância focal da objetiva (50mm, 135mm) e a distância do objeto à objetiva (em centímetros ou metros). (CESAR; PIOVAN, 2003, p. 142) (Grifos Nossos)

O fenômeno da profundidade de campo pode ser verificado na Figura 2.

Figura 2: Profundidade de Campo: Aberturas (f) e Distância Focal



Fonte: Google Imagens

Por fim, no tocante à iluminação, vimos que a luz é a condição essencial da Fotografia e por definição

Luz é energia que se propaga através de ondas eletromagnéticas, cujas frequências sensibilizam nossos olhos. [...] Para enxergarmos um objeto qualquer é necessário que a luz proveniente dele atinja nossos olhos. Este objeto é uma fonte de luz. As fontes de luz podem ser: **Primária** é aquela que produz a luz que emite. As estrelas, e em particular o Sol, são exemplos de fontes primárias, pois a luz emitida é produzida por reações nucleares ocorridas na própria estrela. [...] (TASHIBANA; FERREIRA; ARRUDA, 1996, p. 145-146, grifo do autor).

A luz do sol é uma das luzes mais utilizadas na Fotografia, servindo também como parâmetro para outros tipos de iluminação, como o *flash*, as luzes frias (artificiais), luzes incandescentes (lâmpadas comuns), fluorescentes ou de tungstênio.

O conhecimento dos aspectos que constituem a linguagem fotográfica, bem como o domínio das técnicas que a constituem, pressupõe características indispensáveis para o controle da Fotografia enquanto processo e resultado, pois tal técnica pode ser utilizada para vários fins. No nosso caso, cabe ressaltar a aplicação científica da Fotografia no tocante ao caráter fidedigno de representação que lhe é característico. Assim,

Seja em função de um desejo individual de expressão de seu autor, seja de comissionamentos específicos que visam uma determinada

aplicação(científica, comercial, educacional, policial, jornalística, etc.) existe sempre uma *motivação* interior ou exterior, pessoal ou profissional, para a *criação* de uma fotografia e aí reside a primeira opção de um fotógrafo, quando este seleciona o assunto em função de uma determinada **finalidade/intencionalidade**. Esta motivação influirá decisivamente na concepção e construção da imagem final. (KOSSOY, 1999, p. 27, grifos nossos)

Kossoy (1999, p. 27) estabelece que a Fotografia pode, por um lado, ter uma função subjetiva ou, por outro lado, uma função objetiva. Na primeira função, enquanto desejo individual de expressão, a Fotografia pode ser vista como arte, como expressão subjetiva. Na segunda função, destacam-se algumas aplicações, tais como científica, comercial, educacional, policial, jornalística, etc. Em ambas funções, o fotógrafo é motivado interior ou exteriormente, pessoal ou profissionalmente para criar uma fotografia, tendo em vista a sua finalidade. Para se alcançar um determinado fim, o fotógrafo faz determinadas escolhas, utiliza-se deste ou daquele equipamento, e no caso da era digital, deste ou daquele *hardware* e/ou *software*, caracterizando assim, seu *modus operandi* de fotografar para alcançar seus objetivos (cf. KOSSOY, 1999, p. 27).

Tendo em vista o que foi exposto a respeito da linguagem fotográfica, o objetivo geral deste capítulo é demonstrar a aplicação científica da Fotografia. Para tanto, descrevemos um método que vem sendo desenvolvido e aplicado por nós na transposição de documentos manuscritos históricos para o meio digital, através da Fotografia cientificamente controlada: o Método Lapelinc. Tal método utiliza uma Fotografia que prioriza a informação ao invés da estética, e permite aos pesquisadores detectar um maior número de informações visuais que só podem ser colhidas através da Fotografia enquanto linguagem técnica e científica.

Nesse sentido, daremos maior ênfase na Fotografia enquanto linguagem técnica, conforme vem sendo desenvolvida e praticada no LAPELINC.

3.2.2 Fotografia técnica de documentos: o método desenvolvido no LAPELINC

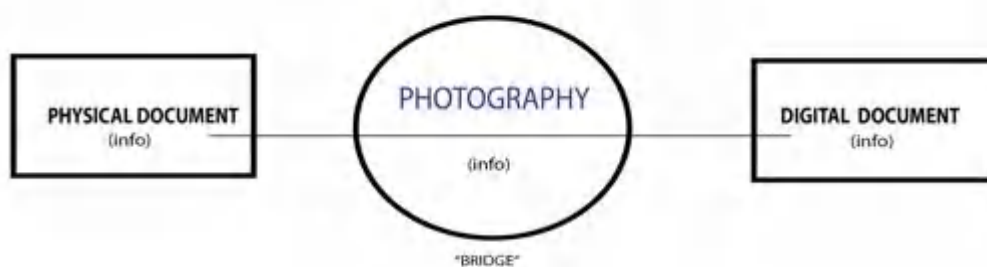
Considerando Santos e Brito (2014, p. 2), o Método Lapelinc é um método de Fotografia cientificamente controlada, que desenvolvemos e temos aplicado e aperfeiçoado desde 2008 (SANTOS, 2008; SANTOS, 2010a, 2010b; NAMIUTI, SANTOS; LEITE, 2011; SANTOS, 2013a, 2013b; NAMIUTI-TEMPONI; SANTOS; COSTA; FARIAS, 2013; BRITO; SANTOS; NAMIUTI-TEMPONI, 2013) no processo de *transposição* de documentos manuscritos históricos do tipo jurídicos originais em papel para o formato digital, com vistas a integrar

corpora eletrônicos anotados, a exemplo do *Corpus DOViC Beta*. Tal método possui três propriedades:

- a) Pressupõe domínio da Fotografia (*Photography*) enquanto linguagem e enquanto técnica;
- c) Necessita de equipamento e aparato técnico auxiliar específicos, a exemplo da Mesa Cartesiana;
- b) Visa à construção, sobretudo, de *corpora* manuscritos para uso científico: Linguística, História, Direito, Memória, dentre outras.

Concomitantemente com estas três características, como postulado em Santos (2010a, 2010b, 2013) e em Namiuti-Temponi, Santos, Costa, Farias (2013), objetivamos algo muito importante: transformar a Fotografia, não num simples meio de reprodução de um documento, uma fotografia pragmática, que serve apenas a uma pesquisa e não tem compromisso de futuro, mas sim praticá-la com método científico de reprodução digital, é o que demonstra o Gráfico 2:

Gráfico 2: Fotografia praticada com método científico de reprodução digital: a ponte entre Documento Físico (DF) e Documento digital (DD)



Fonte: SANTOS (2013).

“No gráfico [...] a Fotografia funciona como uma espécie de *ponte* entre DF (documento físico) e o DD (documento digital). Mas para isso, defendemos que é preciso que ela registre, na própria imagem, dados/informações que façam com que a imagem gerada não perca o vínculo com o documento que lhe deu origem” (NAMIUTI-TEMPONI, SANTOS, COSTA E FARIAS (2013); BRITO, SANTOS, NAMIUTI-TEMPONI (2013)).

Para que possa operar de forma produtora, o método de Fotografia que vem sendo desenvolvido e praticado no LAPELINC tem como base a passagem do DF para o DD, e leva em conta alguns aspectos que dizem respeito a essa passagem, entendida por nós como processo de transposição. Vejamos.

3.3 A TRANSPOSIÇÃO DE DOCUMENTOS: DO DOCUMENTO FÍSICO (DF) PARA O DOCUMENTO DIGITAL (DD)

A transposição de documentos manuscritos históricos do tipo jurídico para o meio digital constitui uma das atividades de grande relevância para estudiosos da Linguística em geral, tendo em vista as dificuldades encontradas por pesquisadores dessa área, quanto de pesquisadores de outras áreas do conhecimento, no que tange à disponibilização, acesso e reprodução de documentos desse tipo. Nesse sentido, o processo de transposição através da Fotografia cientificamente controlada, conforme é praticada no LAPELINC, tem como meta a construção de um *corpus* digital, e visa transformar o documento manuscrito histórico, em imagem digital, ou seja, documento digital (DD), ampliando-se assim as possibilidades de utilização nos meios de pesquisa.

Considerando Kossoy (2002, p. 37),

A fotografia implica uma **transposição** de realidades: é a transposição da realidade visual do *assunto selecionado*, no contexto da vida (*primeira realidade*), para a realidade da representação (imagem fotográfica: *segunda realidade*); trata-se pois, também, de uma transposição de dimensões. [...] (KOSSOY, 2002, p. 37, grifo nosso)

A transposição de realidades a que se refere Kossoy (2002) implica num conhecimento da técnica fotográfica e de sua linguagem. Esse conhecimento a respeito da Fotografia conforme abordado no tópico 2.2.1, A Fotografia enquanto linguagem, diz respeito, como vimos, às técnicas de focalização e principalmente profundidade de campo que, segundo Dubois (2012, p. 97) definem de fato as modalidades e as regras exatas da transposição dos objetos tridimensionais para a superfície sensível bidimensional.

Nesse sentido, no caso da Fotografia de documentos manuscritos históricos presentes em livros, a complexidade do objeto (nesse caso, o livro completo com seus documentos integrantes), que é por natureza tridimensional, exige um grau considerável de controle no processo de transposição. Como defende Dubois (2012, p. 97) a Fotografia, que é bidimensional, constitui-se como alternativa viável para a transposição fidedigna, por ser capaz

de representar objetos tridimensionais, a exemplo de uma folha/página de um documento componente de um livro. Porém, no caso, a folha que tem dois lados, só poderá ser representada por duas fotografias, uma para cada lado, o que exige rigoroso controle informacional que permita recuperar e manter a relação entre um lado e outro.

No Método Lapelinc, a forma como é praticada a transposição de documentos manuscritos históricos do tipo jurídico através da Fotografia cientificamente controlada, compreende cinco etapas principais: 1) o Controle, 2) a Captura, 3) a Catalogação, 4) a Edição e 5) a Criação de imagens de uso co-indexadas à imagem-original.

Ressalve-se que, por recorte metodológico, neste trabalho, daremos enfoque às etapas 1) e 2) por demonstrarem relação com os aspectos apresentados nos tópicos 2.2.1 e 2.2.2, na medida em que tratam dos aspectos técnicos da Fotografia cientificamente controlada, conforme praticada através do *Método* Lapelinc de transposição. Passemos a isto.

3.3.1 O controle

A etapa de Controle que constitui a primeira etapa do Método Lapelinc de transposição engloba duas partes: 1) Elaboração do Catálogo Visual e 2) Elaboração de Dossiê de Observações Permanentes (DOP).

3.3.1.1 Catálogo Visual

O Catálogo Visual de dados dos livros é, conforme descreve Santos (2014),

[...] um catálogo que, desenvolvido por nós, agrega dupla funcionalidade: tanto funciona como catálogo físico descritivo de cada documento em termos de suas características físicas fundamentais, quanto possibilita que o pesquisador/consulente visualize o documento, especificamente em suas cinco imagens-chave: capa frontal, termo de abertura, termo de encerramento, capa final. (SANTOS; NAMIUTI, 2014, p. 8)

O Catálogo Visual serve de base para a criação de um banco de dados sistematizados (Banco de Dados DOVIC), que permite realizar buscas automáticas de metadados constitui-se de duas partes complementares: a) Parte Descritiva e b) Parte Imagética.

a) Parte Descritiva

A Parte Descritiva do Catálogo Visual envolve a criação de um catálogo físico descritivo das características fundamentais de cada livro, características estas que são fundamentais para a alimentação de um banco de dados, de onde se extrai informações que possibilitarão/comporão o vínculo entre o DF e o DD, vínculo este que se forma inicialmente a partir das imagens-chave da Parte Visual e do Dossiê de Observações Permanentes (Doravante DOP), conforme se observa no exemplo a seguir (Figura 3).

Figura 3: Trecho do Catálogo Visual de livros do LAPELINC: Parte Descritiva

LIVRO No.	ANO	TIPO	TAMANHO (cm)			CAPA	FOTO	Observação	Data catalogação	Catalogador	Conferência
			Altura	Largura	Profundidade						
		CONTRATOS									
1	1947	Contratos de arrendamento	44,5	35	2,5	Capa tecido bege	5		04/10/2012	Jorge Vilasol Silveira	OK

Fonte: Database DOViC

b) Parte Imagética

A Parte Imagética do Catálogo Visual envolve a coleta de cinco imagens-chave do objeto (livro) enquanto documento manuscrito histórico jurídico, a saber: capa frontal, termo de abertura, termo de encerramento, capa final. É o que se vê na Figura 4:

Figura 4: Trecho de Catálogo Visual de Livros LAPELINC contendo 5 imagens-chave: Parte Imagética



LIVRO No.	ANO	TIPO	TAMANHO			CAPA	Código Lapelinc
			Altura	Largura	Profundidade		
115	1964	Escrituras	43	35	4,5	Capa tecido bege	C06-e115

Fonte: Database DOViC

3.3.1.2 O Dossiê de Observações Permanentes (DOP)

A forma como é preenchido o Catálogo Visual do LAPELINC permite estabelecer um vínculo entre o DF e o DD que será capturado posteriormente. As informações coletadas contribuem para a elaboração de um dossiê a que denominamos Dossiê de Observações Pertinentes (doravante DOP). Neste dossiê, preparatório para a captura, é realizada a pré-análise de cada folha dos documentos constantes nos livros, anotando-se as observações de ordens fotográficas, filológicas, de edição, dentre outras, referentes a cada documento e respectivas folhas em separado, como demonstra o exemplo abaixo (Figura 5).

Figura 5: Trecho de um Dossiê de Observações Pertinentes (DOP) preparatório para a Captura

LIVRO No.	ANO	TIPO	TAMANHO			CAPA	CÓDIGO DE OBSERVAÇÃO			FOLHA-IMAGEM	Tipo de Observações	OBSERVAÇÕES PARTICULARES (OP-XX)
			A	L	P		Códigos LAPIVINC	Imagens				
1	1941-1948	Escrituras (Notas)	31,5	22,3	3	Marrom	C11-E01	412	34	Contracapa frente	Filológica	Folha anexada posteriormente: Transcrição do termo de abertura
1	1941-1948	Escrituras (Notas)	31,5	22,3	3	Marrom	C11-E01	412	35	S/N	Filológica	Folha solta
1	1941-1948	Escrituras (Notas)	31,5	22,3	3	Marrom	C11-E01	412	27	Termo de abertura	Filológica	
1	1941-1948	Escrituras (Notas)	31,5	22,3	3	Marrom	C11-E01	412	10	198	Filológica	Seta de 198 para 201
1	1941-1948	Escrituras (Notas)	31,5	22,3	3	Marrom	C11-E01	412	22	203	Filológica	Termo de encerramento com nome De: "Termo de Apresentação"
1	1941-1948	Escrituras (Notas)	31,5	22,3	3	Marrom	C11-E01	412	22	204	Filológica	Termo de encerramento com nome De: "Termo de Apresentação"

Fonte: Database DOViC

Esta etapa é de suma importância para o desenvolvimento da fotografia sequenciada, na medida em que permite a anotação de informações fotográficas, filológicas, dentre outras, que otimizam o processo de captura de imagens. Um dossiê de cada livro então é criado ficando disponível, juntamente com o livro, para a futura Fotografia e edição de imagens.

3.3.2 A Captura

A Captura fotográfica da imagem do documento físico é realizada através da Fotografia sequenciada dos documentos, utilizando-se equipamentos adequados (conforme será abordado no item 3), inserindo na imagem a quantidade necessária de dados que garanta a sua relação com o objeto que a originou. Ou seja: fotografa-se o DF para se formar o DD.

Em relação à captura fotográfica em si, optamos pela captura digital, com câmera e lente, e dentro deste processo, pode-se optar pela utilização de câmeras digitais ou escâneres. Neste sentido,

[...] o Método Lapelinc se propõe como método que visa à digitalização por **Fotografia** e não por escaneamento. Isto devido à natureza do objeto que compõe o acervo com que lidamos: livros notariais manuscritos que, dada a sua idade/datação (Século XIX) e grande tempo de manuseio (muitos ainda estão em uso), apresentam-se hoje em estado de extrema fragilidade, sendo impraticável a sua digitalização por *scanner*. O processo de escaneamento por mais moderno que seja é fixo e exige que o objeto/documento se adeque a ele em termos de tamanho, iluminação, etc. Diferentemente, a **Fotografia**, enquanto **linguagem** e enquanto **técnica**, dada à sua flexibilidade, devida a quase infinita possibilidade de variação de parâmetros, se adequa à realidade do objeto e não o inverso. (SANTOS; BRITO, 2014, p. 8, grifos nossos)

A máquina digital captura a imagem via CCD (Sensor Digital) e a transfere para o cartão de memória ou para um computador. No nosso caso atual, optamos por transferir o conteúdo do cartão de memória (as imagens fotográficas capturadas) para três locais distintos que configuram o armazenamento do LAPELINC: no computador de imagens do laboratório, em um *HD* (disco rígido) externo e no servidor do laboratório, destinado para tal.

No que concerne ao formato das imagens, a Captura fotográfica segue um padrão recomendado pela *CONARQ* (Conselho Nacional de Arquivos)

Os formatos das imagens capturadas atendem basicamente à orientação do CONARQ (Conselho Nacional de Arquivos) (CONARQ, 2010, p. 14-15), que sugere a captura de uma matriz no formato *Raw* que, em nosso caso, tem a dimensão de 4256 x 2832 *pixels*, com profundidade de 14 bits por canal (RGB), gerando um arquivo não comprimido (*uncompressed*) de 12.1 *megapixels*. Juntamente com esse arquivo, a câmara gera um arquivo em JPEG, com resolução mínima de 300 *dpi*. O mesmo arquivo em *Raw* possibilita, ainda, a criação de arquivos de alta resolução para armazenamento no formato TIFF, outra recomendação do CONARQ. (SANTOS; BRITO, 2014, p. 4)

Para a Captura das imagens fotográficas digitais, seguindo as etapas descritas, foi desenvolvido e vem sendo utilizado pela área de Fotografia do LAPELINC (cf. SANTOS; BRITO, 2014) um instrumento denominado Mesa Cartesiana, com vistas a viabilizar de modo controlado e cientificamente padronizado a Fotografia e as imagens fotográficas.

3.3.2.1 A Mesa Cartesiana: um instrumento de Fotografia Cientificamente Controlada

3.3.2.1.1 O projeto

Considerando Santos e Brito (2014, p. 8), a Mesa Cartesiana foi idealizada e concebida para ser um equipamento que possibilitasse, junto com o registro do documento, o registro visual cientificamente controlado de suas características físicas, tais como: tom, cor, tamanho, acervo/arquivo do original físico, tipologia, paginação, sequenciação, observações fotográficas e observações filológicas. Ela é composta de alguns elementos fotográficos e dispõe de características especiais às quais descreveremos a seguir.

3.3.2.1.2 O layout

No tocante ao *layout*, a fim de alcançar o objetivo, a Mesa Cartesiana apresenta-se como na Figura 6 abaixo, em que se observam: cartão cinza 18% (0) escala de tom (1), escala de cores (2), instrumentos de medição calibrados (3, 4, 5), informações catalográficas (6), paginação (7), sequenciação (8), observações filológicas (9) e observações fotográficas (10).

Figura 6: Mesa Cartesiana (Layout)



Fonte: *Corpus DOViC Beta*

3.3.2.1.3 O funcionamento

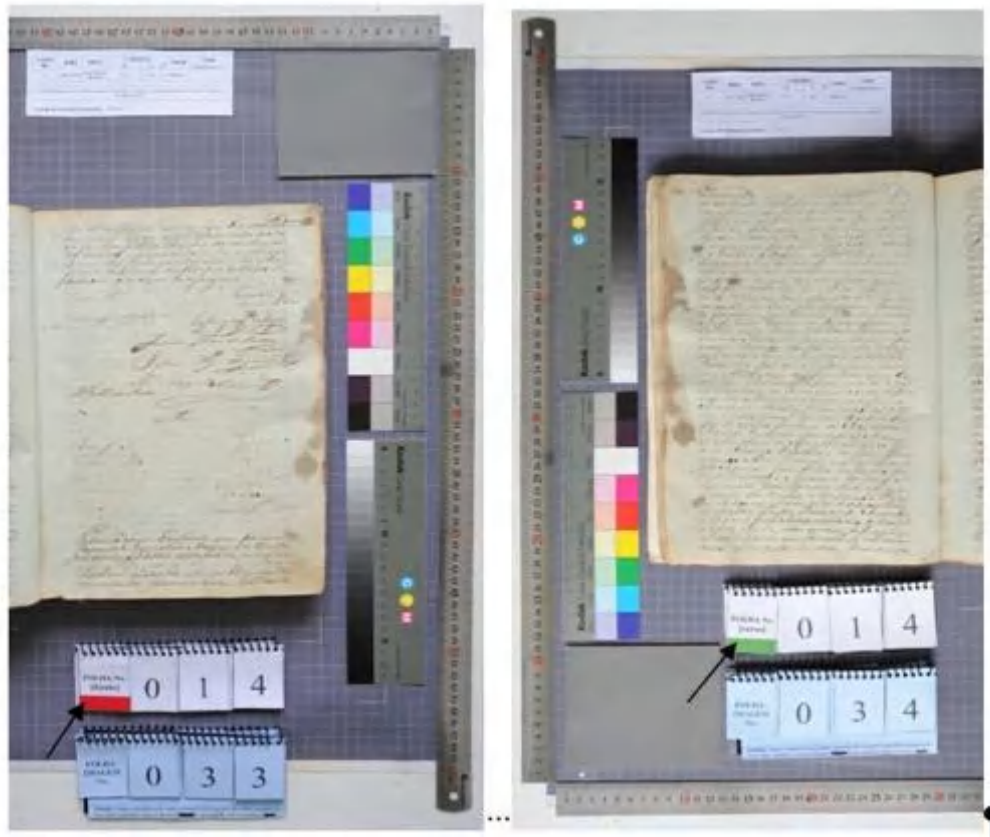
Assim configurada, a Mesa Cartesiana possui as condições técnicas necessárias para contribuir para a garantia de fidedignidade necessária à pesquisa científica. Isto porque, durante a Captura fotográfica digital (cf. item 2), os elementos componentes funcionam do seguinte modo:

- a) Parâmetros de controle de cor e tom: Cartão Cinza 18% (gray card) (0), Escala de tom (1) e Escala de cores (2): sendo escalas científicas elaboradas para o controle fotográfico, possuem amostras de tons e cores com parâmetros que, podem ser interpretados por programas e *softwares* de edição e leitura de imagem, capazes por isso de, por exemplo, recuperar numa tela de computador tom/cores originais de um documento, independente da leitura que o olho humano faça.
- b) Instrumentos de medição (3, 4, 5): sendo escalas científicas elaboradas para controle milimétrico, do modo como estão dispostas, formam um perfeito plano cartesiano, capaz de matematicamente permitir o cálculo preciso das medidas de quaisquer documentos (livros, folhas...), independentemente da sua posição.

c) Informações catalográficas (6), paginação (7), sequenciação (8), observações filológicas, conforme dossiê de observações permanentes (9), observações fotográficas, conforme dossiê de observações permanentes (10): garantem um vínculo permanente entre o DF e o DD.

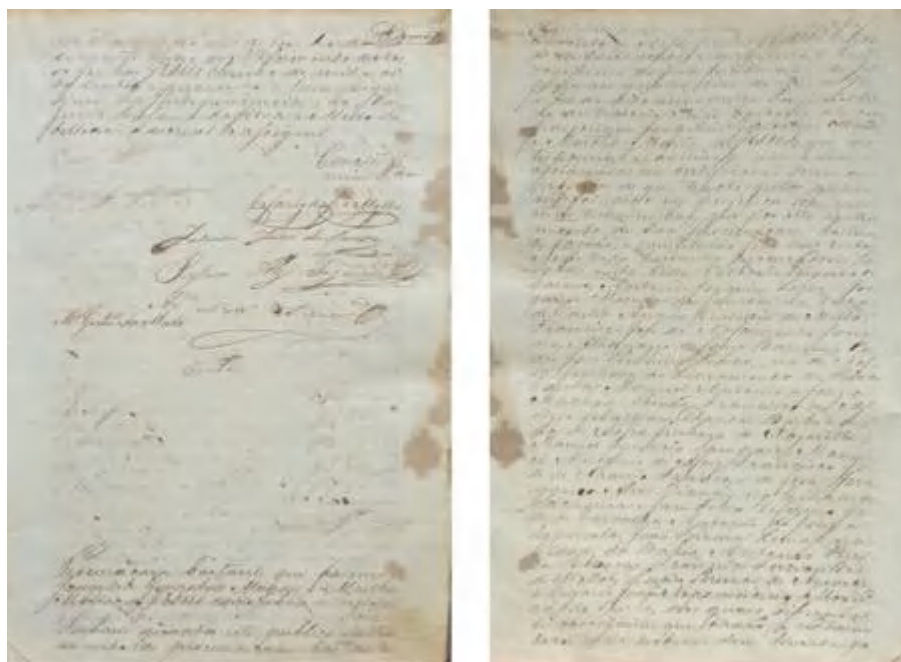
Ressalta-se que, por se tratar de um método que se desenvolve em função da realidade do objeto para qual se destina (livros manuscritos históricos jurídicos), e considerando que os livros notariais antigos normalmente eram numerados em apenas um lado da folha (no anverso), ficando o verso sem o respectivo número, equivalendo, pois, ao verso de mesmo número do anverso – como se vê na Figura 7 abaixo –, após o uso de um numerador manual para indicar a paginação com codificação de cores: vermelho, para folhas frente, e verde, para folhas verso, combinado com uso de um sequenciador (em azul) para indicar a ordem da imagem no original, já está em desenvolvimento no setor de informática do LAPELINC um numerador e um sequenciador eletrônicos, para serem utilizados nas coletas a partir de 2015, com vistas a eliminar as possibilidades de erro humano.

Figura 7: Folha frente (esquerda) Folha verso (direita)

Fonte: *Corpus DOViC Beta*

Tais informações são de suma importância para o controle da edição, pois, como se vê nas imagens (esquerda e direita) as folhas são capturadas uma a uma, com excesso de borda suficiente para serem editadas posteriormente, quando se recortam todas as informações inseridas na Mesa Cartesiana, para obtermos a imagem de uso, contendo apenas o documento, como exemplifica a Figura 8 abaixo:

Figura 8: Folha frente editada (esquerda) e Folha verso editada (direita)



Fonte: *Corpus DOViC Beta*

Como dito, o Método Lapelinc enquanto método de transposição de documentos manuscritos históricos para o meio digital tem como proposta a digitalização por Fotografia e não por escaneamento, devido à natureza do objeto que compõe o acervo com que lidamos. A Fotografia, enquanto linguagem e enquanto técnica dada à sua flexibilidade, devida a quase infinita possibilidade de variação de parâmetros, se adequa à realidade do objeto e não o inverso.

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão do que constitui a Fotografia enquanto processo (*Photography*) e enquanto resultado (*Picture*) como vimos, difere da compreensão da mera reprodução de objetos através de uma fotografia pragmática. Tal compreensão diferenciada, ou seja, que a Fotografia pode ser praticada cientificamente é condição primordial para o uso e desenvolvimento das técnicas e equipamentos que envolvem a transposição de documentos manuscritos históricos do tipo jurídico para o meio digital. A Fotografia científica, tal qual praticada no LAPELINC depende dos conhecimentos técnicos, teóricos e práticos para se tornar produtora, tendo em vista as necessidades de acesso e disponibilização de documentos manuscritos históricos da região sudoeste da Bahia, por exemplo.

Quanto à transposição de documentos manuscritos históricos através da Fotografia cientificamente controlada, como vimos, constitui uma alternativa para o problema do acesso, de livros, pois torna possível que as informações contidas nas fotografias permaneçam acessíveis a longo prazo e com maior confiabilidade/rigor científico. Essa cientificidade foi permitida pelo método, através de suas etapas de Controle e Captura.

A transposição, enquanto método de Fotografia cientificamente controlada conforme praticado pelo LAPELINC na passagem do DF para o DD, apresenta etapas de Controle e Captura, que com seu funcionamento particular, uma com o Catálogo Visual e o DOP, e outra com a Mesa Cartesiana, contribuem para que o método garanta a fidedignidade entre o DF e o DD, condição indispensável para a pesquisa científica, trazendo, inclusive, vantagens em termos de acessibilidade e visualização, por exemplo, além de contribuir para a preservação do objeto original físico tridimensional (livro).

Enfim, em se tratando de documentos manuscritos históricos, tal processo de transposição, envolvendo ao mesmo tempo a Fotografia enquanto linguagem técnica científica e etapas cientificamente controladas em função do objeto, traz como efeito, dentre outros, a possibilidade de visualização eletrônica via *softwares*. É o que veremos no próximo capítulo.

4 O POTENCIAL DA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA DIGITAL NA VISUALIZAÇÃO ELETRÔNICA DE DOCUMENTOS DIGITAIS (O EFEITO)

4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Com o surgimento do computador e suas ferramentas, as possibilidades de realização de pesquisas científicas foram ampliadas. Juntamente com ele, a rede mundial de computadores (*web*) tem se tornado um dos ambientes mais utilizados pelo homem no que diz respeito ao acesso, à disponibilização e ao arquivamento de informações. Nesse contexto, temos acompanhado o surgimento de inúmeras tecnologias, como a Teoria da Informação (TI), a Robótica e a Fotografia Digital, por exemplo, que servem de suporte para atividades que o homem desconhecia, sejam nas áreas educacional (através da educação à distância - EAD), comercial (através da venda e comercialização de produtos *on-line*) ou científica e cultural (através de bibliotecas digitais com acervos de obras digitalizadas).

Dentre as tecnologias citadas, a Fotografia Digital vem sendo muito utilizada pelo homem através, por exemplo, de imagens capturadas por intermédio de câmeras digitais ou mesmo telefones celulares. As imagens fotográficas digitais, graças à linguagem da Fotografia, compreendem o resultado de um processo fotográfico analógico convertido para a linguagem digital. Este processo gera arquivos de computadores que podem ser impressos, enviados por e-mail, armazenados em sites ou guardados em dispositivos de armazenamento digital como CD (*Compact Disc*), *Pen drive*, Disco Rígido (HD) ou a nuvem.

O surgimento da Fotografia Digital se deu a partir do primeiro modelo de máquina fotográfica digital construída por um dos funcionários da *Kodak* em 1975. Essa nova tecnologia permitiu com que as imagens fotográficas pudessem ser armazenadas como arquivos digitais e, posteriormente, alteradas através de formatos como, por exemplo, o Raw e o JPEG, conforme abordado por nós no item 3.3.2 do capítulo 3. Nesse sentido,

O processo e mecanismo de uma câmera é semelhante ao analógico. O princípio continua o mesmo. A primeira coisa que se precisa saber é que as câmeras digitais não utilizam filme, ela captura a luz da cena a ser fotografada por meio de células fotossensíveis chamadas Charged Coupled Device (CCD). Essa informação é captada analogicamente, depois é digitalizada e armazenada em um meio magnético, que pode ser smart card ou memória stick. [...] (MELO; ALMÉRI, 2013, p. 18)

Como se observa, a linguagem digital da Fotografia que é feita a partir desse tipo de câmera é totalmente compatível com a linguagem dos computadores. A soma dessas duas linguagens contribui significativamente para elevar as potencialidades das pesquisas científicas que têm como base documentos, que modernamente podem ser digitais. Assim, as imagens fotográficas digitais, enquanto resultado desta linguagem constituem um assunto que merece a atenção da comunidade científica, tendo em vista os benefícios que delas podemos obter.

O nosso objetivo neste capítulo é demonstrar aspectos da potencialidade da linguagem fotográfica digital na visualização eletrônica de documentos digitais, tendo em vista o que foi abordado por nós no capítulo 2 a respeito do método de transposição de documentos manuscritos históricos jurídicos para o meio digital, conforme vem sendo praticado pelo LAPELINC.

Desse modo, a transposição enquanto passagem de um documento físico (DF) para um documento digital (DD), ao utilizar a Fotografia Digital e, por seu turno, a linguagem fotográfica digital, possibilita uma nova forma de acesso aos documentos, a visual fotográfica eletrônica.

Essa nova forma de visualização amplia as possibilidades de lidar com os documentos, e pode ser observada através da Fotografia digital que gera arquivos em formato Raw, a disponibilização em mídias digitais, como a *internet*, por exemplo, e a visualização eletrônica a partir de ferramentas como o *software Adobe Photoshop* que permite, dentre outras, as mudanças nos parâmetros de contraste, brilho e cor, as ampliações, bem como o uso de máscaras, por exemplo.

Para tanto, este capítulo encontra-se dividido em três partes: 1) Uma nova forma de acesso ao documento: a visual fotográfica; 2) A linguagem Fotográfica Digital; e 3) A Visualização Eletrônica de Documentos Digitais. Passemos a isto.

4.2 UMA NOVA FORMA DE ACESSO AO DOCUMENTO: A VISUAL FOTOGRAFICA

A Fotografia permite-nos enxergar traços da realidade que nos cerca de forma diferente do olho humano. Essa característica passou a ser verificada ainda mais a partir do uso de novas tecnologias, como a digital, por exemplo. Desde sua origem, a Fotografia tem desempenhado um papel muito importante para que pesquisadores pudessem realizar suas investigações, demonstrando-lhes detalhes da realidade que o homem desconhecia.

Aumont (1993) em seu trabalho intitulado *A imagem* discute alguns aspectos relacionados à natureza da representação fotográfica. Em uma das partes finais do seu texto: *Fotogenia e fotografia*, diz que

A fotografia reproduz as aparências visíveis ao registrar o traço de uma impressão luminosa: este é o princípio de sua invenção. Ora, muito depressa percebeu-se que esse registro, se no plano puramente óptico aproximava a imagem fotográfica da imagem formada no olho, tornava-as distintas pelo fato de fixar um estado fugidivo dessa imagem, um estado que escapa a visão normal [...] e, dessa forma, dava acesso a um modo inédito de ver a realidade. É o tema bem conhecido da “revelação” fotográfica: a fotografia mostra o mundo de uma maneira invisível ao olho nu, permite ver “coisas normalmente não vistas” (Kracauer). (AUMONT, 1993, p. 306)

Aumont (1993) argumenta em prol da Fotografia, destacando a sua capacidade intrínseca de demonstrar aspectos que escapam ao olho nu. Desde o seu surgimento em meados do século XX, e graças à sua linguagem, percebeu-se que poderia ser explorado esse potencial da Fotografia de revelar aspectos da realidade que cercava o homem.

Collier Jr. (1973) também argumenta em prol da Fotografia enquanto linguagem, através da qual é possível adquirir uma nova visão, quando diz que a grande capacidade de penetração da câmara pode ajudar-nos a “ver mais e de forma mais acurada, pois a máquina fotográfica não se apresenta como um remédio para nossas limitações visuais, mas como um auxiliar para nossa percepção”. (COLLIER JR., 1973, p. 1)

À medida que novas tecnologias foram surgindo ao longo do tempo, a Fotografia foi se adaptando aos avanços tecnológicos, como por exemplo, a criação do filme fotográfico, em 1888, a criação da câmera fotográfica de 35mm, em 1925 e mais recentemente a câmera digital, permitindo ao homem enxergar mais detalhes da realidade que o cerca. A absorção da linguagem digital pela Fotografia possibilitou o desenvolvimento de muitas ferramentas que contribuíram para uma melhoria na visualização de objetos através das imagens fotográficas, agora digitais. Assim,

[...] As fotografias são registros preciosos da realidade material. Elas são também **documentos** que podem ser organizados em arquivos de consulta direta e arquivos remissivos, como se fossem verbais. A evidência fotográfica pode ser reproduzida infinitamente, aumentada ou reduzida na dimensão visual, ajustada a muitos esquemas de diagramas, e através de estudo científico a muitos modelos estatísticos. (COULLIER JR., 1973, p. 7, grifo nosso)

Essa nova forma de visualização através da Fotografia permite que o objeto/assunto seja melhor visualizado graças, por exemplo, à linguagem fotográfica, e hoje, à linguagem fotográfica digital, que ampliou ainda mais os potenciais de visualização da Fotografia.

4.3 A LINGUAGEM FOTOGRÁFICA DIGITAL

Desde o seu surgimento, em 1975, as câmeras digitais têm ganhado espaço em muitas áreas do conhecimento, se constituindo enquanto ferramenta de grande utilidade para que pesquisadores e pessoas comuns pudessem explorar o potencial da Fotografia Digital por conta, por exemplo, da praticidade e dos benefícios em termos de captação e visualização, não presos a suportes físicos como o papel.

Melo e Alméri (2013, p. 20) ao tratar do funcionamento das câmeras digitais observam que

A diferença da DSLR (Digital Single Lens Reflex) – em uma tradução livre quer dizer “câmera digital de reflexo por uma lente” – é que a luz que entra através da lente é refletida em um espelho e transferida para uma tela de **visualização**. Um conjunto de espelhos e vidros mostra a cena real. Nessas máquinas, seu monitor LCD só é utilizado depois de feito o disparo, ele só mostra o **resultado**. Elas possuem material mais nobre, o que as torna mais resistentes, e sensibilidade ISO maior. Além de JPG, permitem outros formatos, como TIFF e RAW. Elas têm resposta mais rápida no foco, fotometria, disparo, entre outros.

[...] A fotografia digital é formada por centenas de milhares ou milhões de minúsculos quadrados chamados pixels. [...] A tela de seu computador também é formada por pixels. Quando você altera a resolução do seu vídeo, está alterando o tamanho da imagem. Observe que quanto maior a quantidade de pixel, melhor será a imagem, seja impressa ou na tela do vídeo (MELO; ALMÉRI, 2013, p. 20, grifos nossos).

Conforme dito, as câmeras digitais têm como característica principal a formação das imagens através de *pixels* (*Picture x Element*) que por sua vez, possibilitam a visualização de imagens através de telas como as de um computador, por exemplo. Desse modo,

Pixel é a unidade de medida de uma imagem digital. [...] Considere um pixel como sendo um ponto. [...] 1 megapixel é mesmo que 1 milhão de pixels. Portanto, uma imagem com 2240 x 1680 tem resolução de aproximadamente 3,7 milhões de pixels. [...] a resolução de uma imagem é definida pelos números fixos de pixels por polegada. Uma imagem em tamanho pequeno (com número pequeno de pixel definido) terá mais resolução se comparada com a mesma imagem ampliada algumas vezes (CESAR; PIOVAN, 2003, p. 169).

O conhecimento a respeito da forma de captura de imagens através de uma câmera digital, bem como dos *pixels* que formam as imagens, que foram geradas por ela, constituem características relevantes para a compreensão dos benefícios da visualização das imagens eletrônicas, bem como das informações presentes nas imagens fotográficas digitais.

Tendo em vista o que foi exposto, vimos que as câmeras digitais possuem um funcionamento característico que possibilita uma relação com a linguagem digital dos computadores. O funcionamento das DSLR's tem como base o *CCD* (sensor de luz digital), a unidade de medida por *Pixels*, sensibilidade ISO maior e possibilitam acesso a formatos de imagem como o de Raw e JPEG. Ademais, elas também têm resposta mais rápida no foco, fotometria e disparo. Assim, estes avanços tecnológicos da Fotografia permitiram que o homem pudesse criar ferramentas para a melhor visualização de imagens.

Dito isto, nos tópicos seguintes apresentamos, por recorte metodológico, algumas das vantagens da visualização eletrônica de documentos digitais, oriundos da Fotografia Digital, ou seja, da Fotografia em sua correlação com a linguagem digital dos computadores.

4.4 A VISUALIZAÇÃO ELETRÔNICA DE DOCUMENTOS DIGITAIS: A POTENCIALIDADE

A visualização eletrônica do DD (Documento Digital gerado na transposição conforme Método Lapelinc) constitui-se como uma alternativa segura e confiável para lidar com imagens digitais. Por visualização eletrônica de documentos digitais entendemos a leitura do DD mediada por um conjunto de equipamentos (*softwares* e *hardwares*) que visam ampliar as possibilidades de utilização dos textos. Em outras palavras, indubitavelmente, uma das principais vantagens da visualização eletrônica de documentos digitais oriundas da Fotografia Digital, tal como praticada pelo Método Lapelinc, é a potencialidade enquanto resultado do cruzamento do potencial da linguagem fotográfica combinado com o potencial da linguagem digital, ou seja, a Fotografia Digital, a praticidade, a visualização eletrônica, os suportes das imagens, dentre outros.

Assim, graças a *softwares* e *hardwares* criados para a visualização de imagens, ampliaram-se as possibilidades de manejo dos documentos, como por exemplo, através do *software Adobe Photoshop*. Ao considerarmos este tipo de suporte,

Uma imagem pode ser editada no Photoshop (para uma impressão, por exemplo) e, com um simples clique, ser transferida diretamente para o Image

Ready a fim de ser preparada para uma veiculação na *Web*. Podemos efetuar algumas mudanças na imagem [...]. (TANAKA, 2002, p. 4)

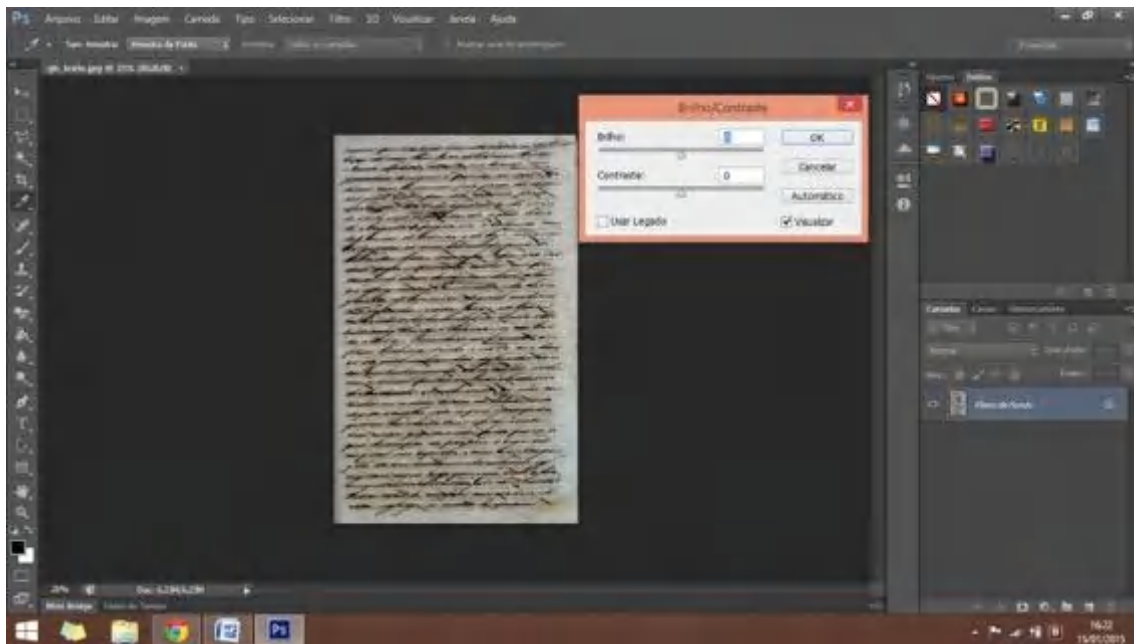
Desse modo, através de *softwares* como este, é possível realizar o manejo em tamanho, cor, contraste, camadas, dentre outros, tendo em vista a necessidade de visualização de imagens de cada pesquisador.

Nesse sentido, para exemplificar o potencial da Fotografia Digital tendo em vista a visualização eletrônica de documentos manuscritos históricos jurídicos digitais, abordaremos, por recorte metodológico, três aspectos: a) Brilho/Contraste; b) Curvas; c) Camadas; d) Ampliação.

a) Brilho/Contraste

Assim, conforme nos diz TANAKA (2002, p. 273), “o comando Brilho/Contraste (Brightness/Contrast) permite ajustes simples e rápidos na escala tonal da imagem [...]. [...] todos os pixels da imagem recebem o mesmo ajuste”. Nas imagens abaixo (Figuras 9 e 10), vê-se a apresentação da área de trabalho do *Adobe Photoshop* em que se verifica um documento digital (DD) preparado para ser visualizado com o nível de Brilho/Contraste conforme a necessidade do pesquisador.

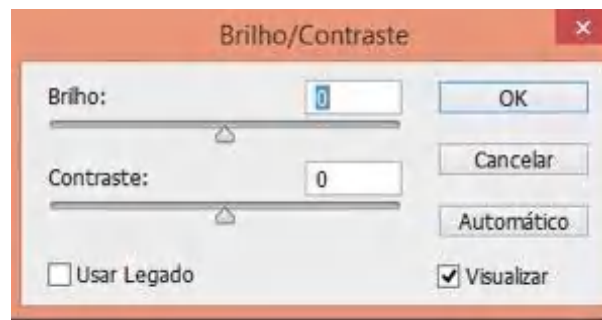
Figura 9: Tela de trabalho do *Adobe Photoshop* com paleta de Brilho e Contraste



Fonte: Manual LAPELINC de Edição de Imagens (2014)

Como se nota, a existência da paleta de Brilho/Contraste(Figura 10) constitui uma ferramenta útil através da qual se podem realizar modificações no documento.

Figura 10: Paleta de Brilho e Contraste ampliada



Fonte: Manual LAPELINC de Edição de Imagens (2014)

Deslizando os controles para a esquerda e/ou para a direita pode-se optar pelo aumento e/ou diminuição dos níveis de *Brilho/Contraste*. Como se vê na Figura 11.

Figura 11: Brilho ajustado para +140 (Esquerda) e: Contraste ajustado para +100 (Direita).



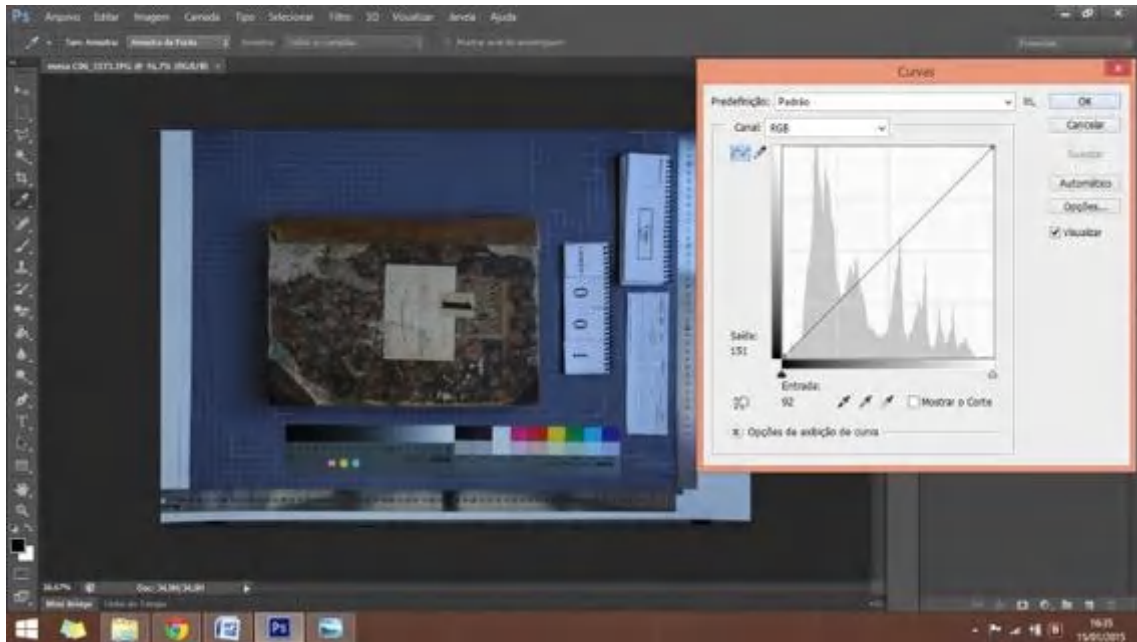
Fonte: Manual LAPELINC de Edição de Imagens (2014)

Essa função do *software* permite uma melhor visualização do documento, tendo em vista algumas dificuldades que por ventura o pesquisador possa encontrar no momento da leitura do mesmo.

b) Curvas

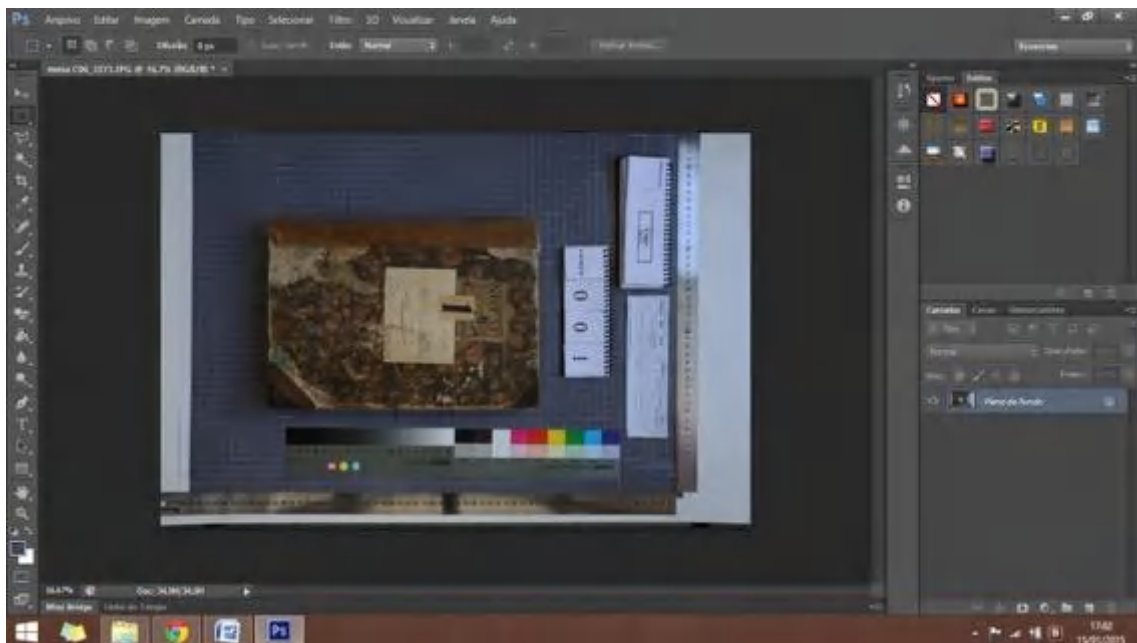
Outra ferramenta disponível pelo *Adobe Photoshop*, o comando *Curvas (Curves)*, permite o ajuste de qualquer ponto da escala tonal de 0 a 255 (cf. TANAKA, 2002, p. 269). Este comando possibilita a correção do balanço de branco (*White Balance*) utilizado para a captação de imagens através da câmera fotográfica digital, recuperando, assim, a cor original do documento através, por exemplo, da escala de cinza (conforme apresentada no capítulo 2), como exemplificam as Figuras 12 e 13 seguir.

Figura 12: Documento fotografado experimentalmente com Balanço de branco (*White Balance*) modificado (azulado) para fins de exemplificação.



Fonte: Database DOViC

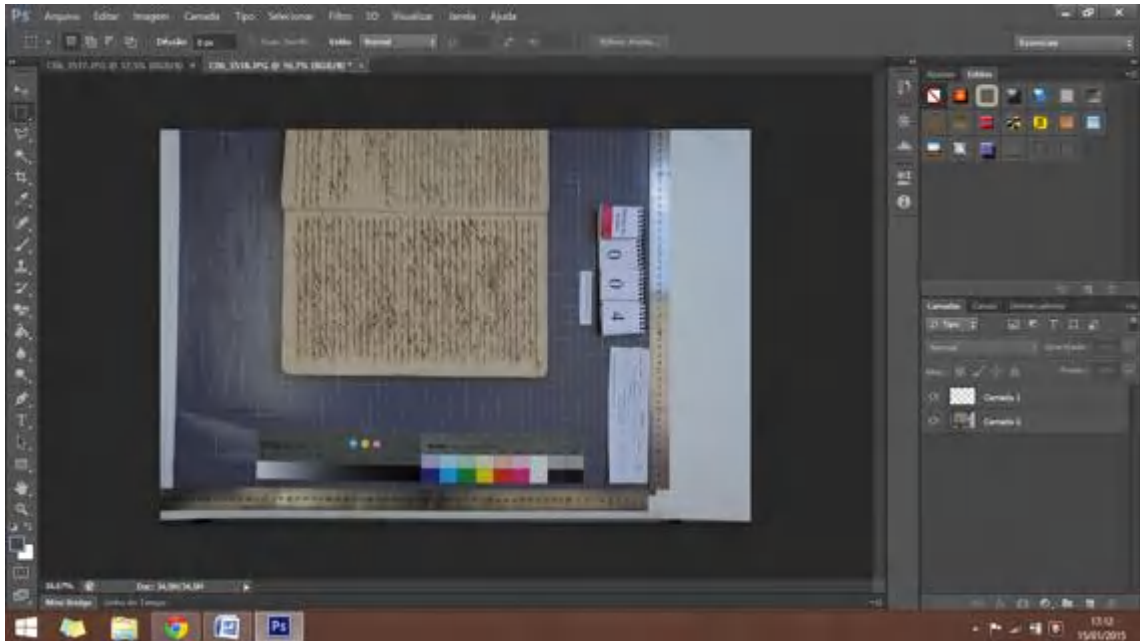
Figura 13: Imagem ideal Corrigida



Fonte: Database DOViC

c) Camadas

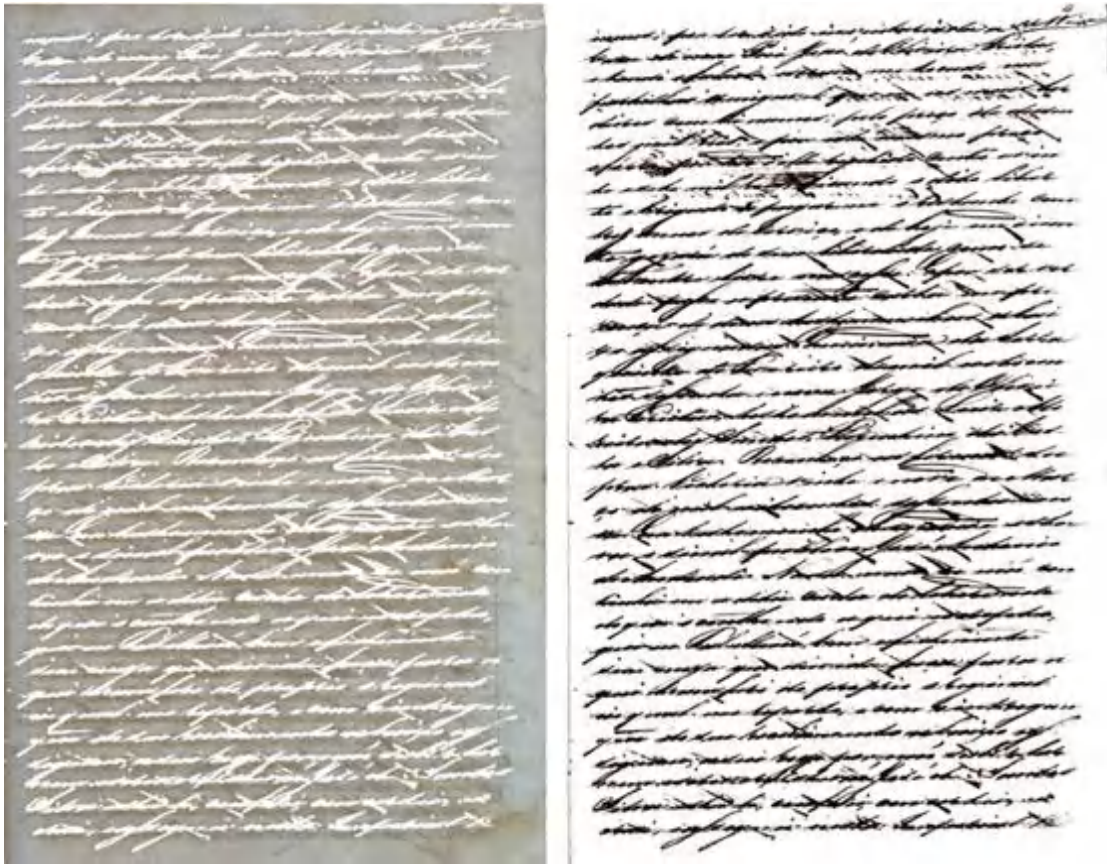
Por seu turno, a ferramenta *Camadas (Layers)* permite que se trabalhe com camadas de *Pixels* existentes nas imagens capturadas. “Por meio dela, podemos criar, exibir, esconder, copiar, apagar, agrupar, organizar, e aplicar efeitos visuais em camadas” (TANAKA, 2002, p. 80). Vejamos a Figura 14.

Figura 14: *Layers* (camadas)

Fonte: Database DOViC

A ferramenta Camadas é um recurso de visualização de alto potencial, visto que pode ser utilizado por pesquisadores que objetivam lidar com documentos digitais no intuito de verificar, por exemplo, a diferença entre os planos da imagem. Esta ferramenta possibilita a criação de camadas de *Pixels*. Em linhas gerais, em se tratando de DD's, pode-se isolar o conteúdo que foi manuscrito do fundo da página em que se encontra, permitindo-se, assim, trabalhar apenas com os seus caracteres, fazendo a partir daí, ajustes que permitam a melhor visualização/leitura, inclusive no nível de palavras e/ou enunciados e até mesmo de letras. É o que se observa na Figura 15 abaixo.

Figura 15: Camada 1 ampliada (Fundo) (esquerda) e Camada 2 ampliada (Texto Manuscrito) (direita)

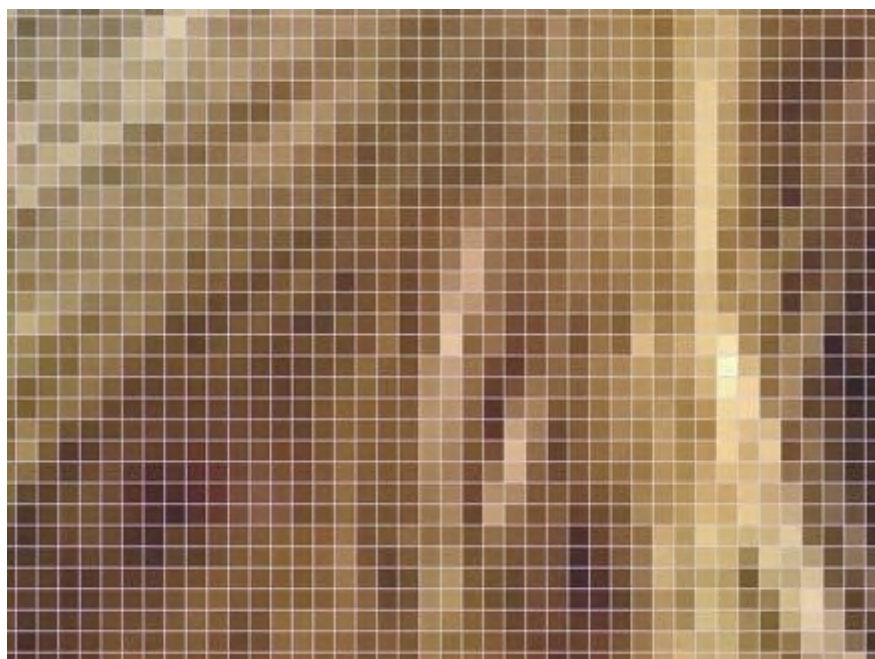


Fonte: Database DOViC

d) Ampliação

Por fim, destaca-se a ferramenta Ampliação que possibilita mudanças no tamanho da imagem. Tal ferramenta é uma das mais sofisticadas tendo em vista o seu potencial de estender a imagem não em função do olho humano ou de uma tela, mas sim da quantidade de *Pixels* formadores da imagem que permitem uma visualização ampliada do documento de modo a não interferir na qualidade da imagem. Cabe ressaltar que enquanto as outras ferramentas supracitadas se relacionam com a qualidade da imagem, esta se relaciona com quantidade de *Pixels* na medida em que está diretamente relacionada com as possibilidades de ampliação. Os *Pixels* constituem, assim, exemplo de como a tecnologia digital possibilitou um avanço para a visualização de documentos, daí destaca-se sua importância diferenciada. É o que podemos notar na Figura 16, a seguir.

Figura 16: Documento Digital Ampliado (Camadas de *Pixels*)



Fonte: Manual LAPELINC de Edição de Imagens (2014)

Saliente-se que, além das quatro ferramentas aqui descritas, muitas outras podem ser utilizadas a partir do uso do *software Adobe Photoshop*, isto desde que a imagem possua, devido ao controle em sua captura (cf. capítulo 2), qualidade e quantidade suficiente de informações fotográficas que possam ser recuperadas/trabalhadas pelas ferramentas de visualização digitais, isto é, os recursos do *software* só puderam ser aproveitados graças à forma como foram capturados os documentos digitais.

Por limite deste trabalho, optamos por exemplificar apenas algumas que julgamos mais necessárias aos pesquisadores da área da Linguística e de outras áreas que tratam de questões relacionadas a documentos manuscritos históricos, tendo em vista que esse tipo de *software* permite a visualização de elementos textuais que o olho humano sem dúvida não detectaria no próprio DF. Ou seja, a visualização digital permite que o pesquisador veja tais ou quais elementos que normalmente não seriam vistos/visualizados/lidos no próprio documento original.

O Método Lapelinc de transposição, enquanto método de Fotografia cientificamente controlada, contribui significativamente, na medida em que se propôs a garantir os registros de forma fidedigna do ponto de vista científico, ampliando-se assim, graças a sua cientificidade, a potencialidade de visualização dos documentos digitais.

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o que foi discutido, vimos que a transposição de documentos manuscritos históricos jurídicos, enquanto passagem de um documento físico para um documento digital possibilita uma nova forma de acesso aos documentos, a visual fotográfica, que, dentre algumas vantagens possibilitadas pela linguagem fotográfica digital, permite o acesso a novos formatos do documento, como por exemplo, os arquivos em formato Raw e JPEG.

Vimos também que a visualização eletrônica de documentos digitais a partir de *softwares* como o *Adobe Photoshop* permite manejar o DD de forma a realizar modificações como: Brilho/Contraste, curvas e camadas de *Pixels* existentes nas imagens.

Assim, com o processo de transposição de documentos manuscritos para o meio digital, tal qual realizado pelo Método Lapelinc, as possibilidades de uso científico das imagens fotográficas digitais podem ser ampliadas, aumentando a potencialidade dos estudos na medida em que, através de sua Captura científica, o Método Lapelinc possibilita que os DD's sejam vistos/visualizados/lidos eletronicamente e, por seu turno, melhor aproveitados.

No próximo capítulo, demonstramos, a partir de exemplos, a importância de se ter um DD, conforme capturado nos moldes acima descritos (capítulos 1, 2 e 3), para alguns estudos na área da Linguística, como por exemplo, a Gramática, a Linguística Textual e a Semântica do Acontecimento.

5 CONTRIBUIÇÕES DA TRANSPOSIÇÃO PARA OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (A IMPORTÂNCIA)

5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Saussure (1916) no capítulo VI, *Representação da Língua pela Escrita* de seu célebre *Curso de Linguística Geral*, chama-nos a atenção para o fato de que a língua, enquanto objeto de estudo da ciência linguística, “geralmente se nos mostra através da escrita” (cf. SAUSSURE, 1916, p. 33). O linguista genebrino demonstra a importância da escrita enquanto principal meio pelo qual as línguas encontram-se representadas, destacando, também, que o linguista, enquanto cientista “está obrigado a conhecer o maior número de línguas possível”, podendo se valer dessa forma de representação da língua para suas análises. Nesse texto, o autor demonstra ainda a importância que os documentos escritos detêm para estudos linguísticos, na medida em que

[...] Mesmo no caso de nossa língua materna, o **documento** intervém a todo instante. Quando se trata de um idioma falado a alguma distância, ainda mais necessário se torna recorrer ao **testemunho escrito**; e com mais forte razão no caso de idiomas que não existem mais. Para poder dispor, e em todos os casos, de documentos diretos, seria mister que se tivesse feito, em tôdas as épocas, aquilo que se faz atualmente em Viena e Paris: uma coleção de amostras fonográficas de tôdas as línguas. Seria preciso, outrossim, recorrer à **escrita** para dar a conhecer aos outros os textos registrados dessa maneira. (SAUSSURE, 1916, p. 33, grifos nossos)

Nesse sentido, segundo o ponto de vista saussuriano a respeito da importância que a documentação das línguas através da escrita tem para o estudo das línguas, de um ponto de vista diacrônico, os documentos escritos se constituem enquanto fontes de inestimável valor para investigações científicas e, por seu turno, linguísticas.

Assim, tendo em vista o que foi discutido ao longo dos capítulos 1, 2 e 3 no que diz respeito à transposição de documentos manuscritos históricos, originários da 1ª Vara Cível, do Fórum João Mangabeira em Vitória da Conquista - BA, através da Fotografia cientificamente controlada, seguindo o Método Lapelinc de transposição, neste capítulo demonstramos através de alguns exemplos que o documento digital (DD) que é originado da/na transposição – enquanto etapa inicial de trabalho com os documentos digitais - permite a recuperação, preservação e divulgação de formas de enunciação que se encontram materializadas nos documentos que constituem nossos *corpora*.

Para tanto, este capítulo encontra-se dividido em cinco partes. Na primeira, demonstramos como a transposição pode contribuir para a Linguística em sua correlação com o objeto (livro). Na segunda, como a transposição pode contribuir para a Ciência Linguística em sua correlação com o processo (Fotografia). Na terceira, as contribuições da transposição para a Linguística relacionadas ao efeito (Raw e JPEG). Por fim, na quarta parte, apresentando análises de alguns trabalhos realizados a partir do uso de documentos digitais transpostos pelo Método Lapelinc, hoje integrantes do *corpus* DOViC, demonstramos contribuições da transposição para a Linguística em sua vertente Semântica do Acontecimento, além de demonstrar como os DD's podem servir de base para estudos no âmbito das Práticas de Escrita e da Gramática, só para citar alguns.

5.2 CONTRIBUIÇÕES DA TRANSPOSIÇÃO PARA A LINGUÍSTICA RELACIONADOS AO OBJETO (LIVROS)

O linguista Ferdinand de Saussure exerceu grande influência nos estudos da linguagem. O livro *Curso de Linguística Geral* (1916) obra publicada postumamente pelos seus ex-alunos Charles Bally e Albert Sechehaye, constitui-se de um marco para os estudos da Linguística enquanto uma ciência autônoma, além de influenciar significativamente para o desenvolvimento do estruturalismo como movimento filosófico.

A colaboração do linguista genebrino para o estruturalismo em Linguística é inquestionável, tendo em vista o objeto de estudo postulado por Saussure (1916) através do método sistemático de apreender os fatos da linguagem humana, na medida em que entendia a língua como um sistema de signos que admitia uma ordem própria. (cf. SAUSSURE, 1916, p. 22).

Saussure (1916) entendia a Linguística como um ramo de uma ciência mais geral dos signos linguísticos, a Semiologia. O signo linguístico se constitui de uma combinação de significante e significado, como se fossem dois lados de uma mesma moeda. O significante é, na visão do genebrino, uma imagem acústica (cadeia de sons) e reside no plano da forma. O significado, em contraparte, é um “conceito” e reside no plano do conteúdo. Saussure (1916, p. 80) em seu estudo ressalva que o signo linguístico não une, por seu turno, apenas uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica.

A partir da noção de signo linguístico, Saussure (1916, p. 26) efetua, em sua teorização, uma distinção entre língua e fala que representa uma das primeiras dicotomias estabelecidas pelo genebrino. A língua, tomada como tal, é ao mesmo tempo um sistema e uma evolução, representaria, assim, um sistema composto de signos linguísticos que se relacionam entre si. A

língua não está completa em nenhum indivíduo, e é somente na massa que ela existe como um todo, sua realidade tem sede no cérebro- e, portanto, é interior ao indivíduo - em contraface da fala – que depende de uma realidade externa ao indivíduo - cujas manifestações são individuais e momentâneas e dela –a fala- o indivíduo é sempre senhor.

Nessa perspectiva, o genebrino ressalta que

A matéria da Linguística é constituída inicialmente por tôdas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens, ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a bela “linguagem”, mas tôdas as formas de expressão. [...] como a linguagem escapa as mais das vezes à observação, **o linguista deverá ter em conta os textos escritos**, pois somente êles lhe farão conhecer os idiomas passados ou distantes. (SAUSSURE, 1916, p. 13, grifos nossos)

Saussure (1916) em sua argumentação defende a importância dos textos escritos para os estudos linguísticos, destacando o papel desempenhado por este tipo de texto para o conhecimento dos idiomas passados ou distantes, ou seja, através de textos antigos, podemos estabelecer contato com exemplos de línguas que dentre outros, podem interessar a pesquisadores da Linguística em suas mais variadas vertentes.

Nesse sentido, e tomando como base o que foi abordado por nós ao longo do capítulo 1, vimos que as dificuldades de acesso a textos antigos muitas vezes impedem o desenvolvimento de pesquisas científicas. Vimos ainda que a Linguística de *Corpus*, enquanto vertente da Linguística, se constitui como uma ciência que usa de uma metodologia de coleta e tratamento de textos, incluindo os antigos, que visam à formação de *corpus* de textos eletronicamente manipuláveis.

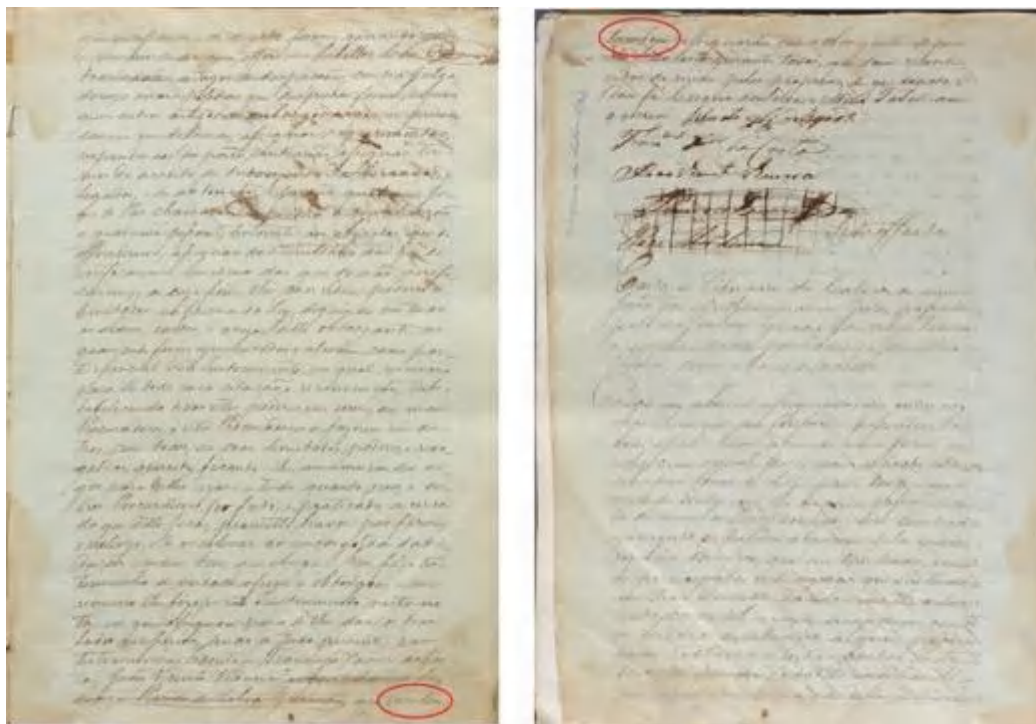
Assim, considerando Santos, Namiuti e Pinto (2013, p. 15), “A Linguística depende de um *corpus* textual eletrônico adaptado às especificidades de seu objeto de estudo”. Com a transposição (conforme visto no capítulo 2), permite-se assim recuperar e preservar aspectos textuais dos textos escritos antigos que nos permitem “conhecer os idiomas passados ou distantes das línguas” (cf. SAUSSURE, 1916).

Assim, consideremos dois documentos integrantes do *corpus* DOViC Séc. XIX que estão contidos no Livro de Escrituras (notas) 1 e que demonstram a importância/potencialidade do DD para pesquisas linguísticas de duas diferentes áreas: a) Práticas de Escrita e b) Gramática.

a) Práticas de Escrita

As palavras em destaque da Figura 17, abaixo, correspondem à palavra “também” escrita duas vezes seguidas, uma em final da folha frente do documento e outra da folha verso do documento

Figura 17: Folha Frente DD (Esquerda) e Folha Verso DD (Direita)



Fonte: Database DOViC(Carta de liberdade-Livro de Escrituras (notas) 1-Código LAPELINC: 009-E1-C11 e 010-E1-C11)

Isto que por um olhar leigo possa parecer uma simples repetição de palavra, foi observado e constatado por nós, pesquisadores do LAPELINC, durante a Captura e suas etapas posteriores, tratar-se de uma prática de escrita específica do documento manuscrito histórico jurídico que está materializada na totalidade dos documentos até o momento transcritos.

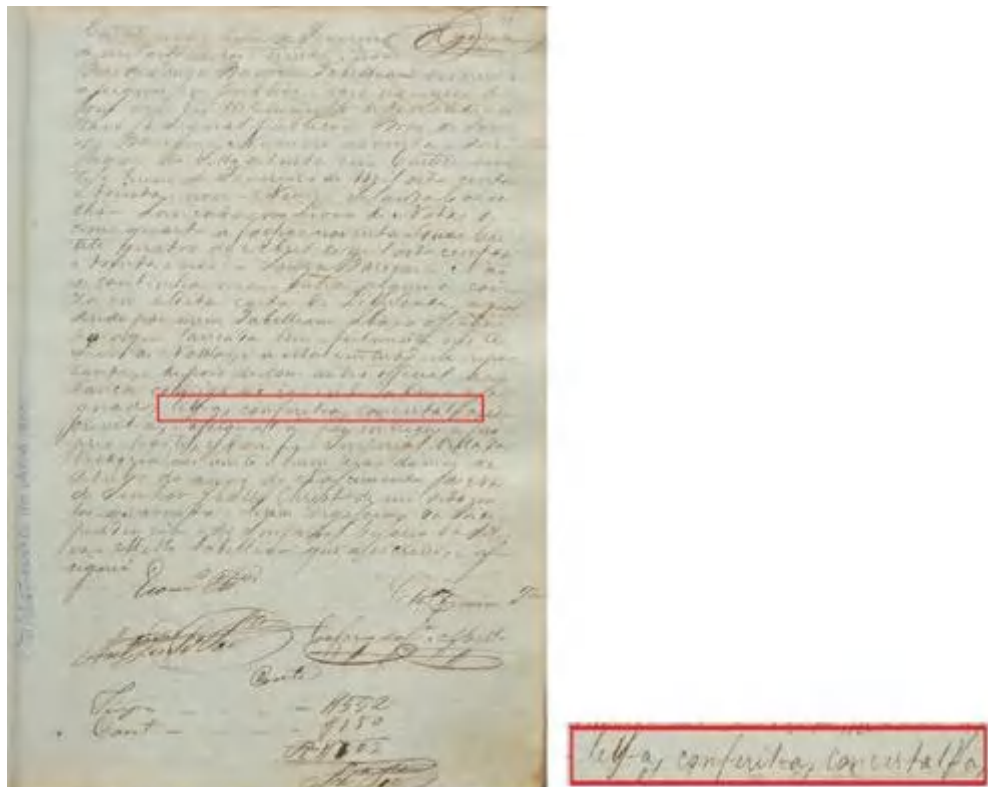
Ao que tudo indica, tal prática, caracterizadora dos objetos (livros) tinha por finalidade a sequenciação textual que funciona paralela à numérica, servindo, por exemplo, para fins de reorganização sequencial correta das folhas dos livros caso, muito comum na época, destas se soltarem da encadernação.

Como se vê, essa prática era comum em cartórios do século XIX e registra um costume linguístico textual que, por seu turno configura uma prática de escrita que, a rigor constitui um fato metalinguístico peculiar que pode interessar, por exemplo, a linguistas, historiadores, historiadores da escrita e teóricos do Direito.

b) Gramática

Por conseguinte, pode-se observar na Figura 18, a seguir, em destaque o seguinte enunciado: “lêl-a”, “conferil-a”, “concertal-a”.

Figura 18: Folha Frente Documento Digital (Esquerda) e Imagem do trecho ampliada (Direita)



Fonte: Database DOViC (Carta de liberdade-Livro de Escrituras (notas) 1-Código LAPELINC: 087-E1-C11).

Nele nota-se uma prática de escrita no mínimo *atípica*, na medida em que apresenta formas pronominais que diferem das práticas atuais da escrita do português (lê-la, conferi-la, consertá-la). Tais formas podem interessar a alguns linguistas de áreas como Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe e combinações dessas (Morfofonologia e Morfossintaxe). Não obstante, cabe ressaltar que tal exemplo, caso seja transcrito obedecendo tão somente a uma das regras mais básicas da Paleografia: “[...] juntar o que está separado e separar o que está junto [...]”, poderia, por assim dizer, tornar inviáveis pesquisas dessa ordem, na medida em que tais formas poderiam se perder na transcrição (cf. SANTOS; NAMIUTI; PINTO, 2013).

Como se vê, os dois casos acima confirmam a importância/potencialidade do objeto (livro) constituído por DD’s para pesquisas no âmbito da Linguística. Isso porque a forma como foram capturados, ou seja, o objeto em sequência e não (como numa captura tradicional)

documentos isolados, permitiu observar-se a recorrência frequente de fatos linguísticos como os mostrados.

5.3 CONTRIBUIÇÕES DA TRANSPOSIÇÃO PARA A LINGUÍSTICA RELACIONADOS AO PROCESSO (FOTOGRAFIA)

O processo de transposição através da Fotografia cientificamente controlada, conforme é praticada no LAPELINC, como dissemos, tem como meta a construção de *corpora* linguísticos que atendam às necessidades dos pesquisadores, e visa transformar o texto que está presente no documento manuscrito, em imagem digital, ou seja, documento digital (DD), ampliando-se assim as possibilidades de utilização nos meios de pesquisa. Algumas das maiores diferenças do Método Lapelinc de transposição podem ser representadas pela cientificidade de sua captura e a potencialidade do resultado dessa prática, permitidas através da linguagem fotográfica.

A seguir, temos exemplo de um dos documentos capturados por nós através do Método Lapelinc de transposição. Nas figuras 19, 20 e 21, as imagens componentes do DD apresentam, em sequência, as três etapas, a saber, a Captura, a Edição e a Transcrição.

Figura 19: Carta de Alforria 37 - Etapa de Captura (Documento Digital em suas três partes)



Fonte: Database DOViC

Figura 20: Carta de Alforria 37- Etapa de Edição (Documento Digital em suas três partes)



Fonte: Database DOViC

Figura 21: Exemplo de Transcrição da Carta de Alforria 37

Carta de Liberdade de Adrianna Mulata, conferida pelo seu Patrono Agostinho Gonçalves Barbacena, e sua mulher Nejaçia Maria da Paixão, como abaixo declara Disemos nos abaixo assignados, que entre os mais bens que somos senhores e legítimos possuidores livres e desembargados a vista e face de Deus, e o olhando, liberamos sim huma Mulatinha nossa Escrava por nome Adrianna filha da falecida Joanna também nossa [102f] nossa escrava, a qual Mulatinha pelos bons serviços que della temos recebido queremos lhe fazer esta graça, a forramos como forra fica pelo preço e quantia de quatrocentos mil reis, que pela dita quantia se obriga o Capitão Justino Pereira Campos, para satisfazer-nos dada [a] dita em Janeiro do anno vindouro de mil oitocentos e trinta e cinco legando uma carta do dito Senhor que cria um [.....] donde confiava a dita satisfação com a condição de não sair da nossa casa a dita Mulatinha no espaço destes seis mezes, para ajudar criar huma sua irmãa que ficara [nigritada?] pelo falecimento da dita sua finada May, e passados que seja o dito aprazado tempo vais se quizer para a casa de sua Madrinha a Senhora Dona Justina, e se antes desse tempo quizer se caçar, e achar com quem, a pudera fazer, que isto mesmo, e concordar com as nossas vontades, e ja se sabe que no todo este tempo he logrando de sua liberdade que a poderá possuir como se forra nascesse, pois a fazemos muito de nossas livres vontades, e sem constrangimento de pessoa alguma, e não poderão os nossos herdeiros em tempo algum rivalisar esta graça que lhe fazemos, e pedimos e rogamos as justiças de Sua Magestade Imperial que Deus guarde que lhe dê todo inteiro valimento, e queremos que esta valha como escriptura publica, e se nella lhe faltar alguma clauzula, ou clauzulas, aqui as houvermos por expresas e declaradas como se de cada huma dellas fizemos especial menção, a vista das testemunhas abaixo assignadas, e por verdade ditado o referido passo a presente de minha letra e firma, e minha mulher por não saber ler, e nem escrever pedio e rogou ao Senhor Juiz de Paz Manoel Pereira de Sampaio que por ella, e como testemunha assign- [102v] assignasse Arraial do Espirito Santo. Santo Antonio das Possões vinte oito de Julho de mil oito centos e trinta e quatro = Agostinho Gonçalves Barbacena assigno a rogo de Nejaçia Maria da Paixão = Manoel Pereira Sampaio = José Hermenegildo Borjas e Pinto = Como = Bernardino Gonçalves e a Carta = sello = Numero dois = cento e sessenta reis = Pagou do sello cento e sessenta reis. Imperial Villa da Victoria trinta e um de Janeiro de mil oito centos e quarenta e cinco = Mello = Chaves = Distribuídas = [.....] Imperial Villa da Victoria trinta e um de Janeiro de mil oitocentos e quarenta e cinco = Mello = Nada mais se continha nem declarava outra alguma couza em a dita Carta de liberdade, [vello, Distribuição?] que bem e fielmente sem couza que duvida faça no presente livro a lancei do proprio original ao qual me reporto, e com outro official de Justiça, comigo ao concerto abaixo assignado este li, conferi, concertei, escrevi e assignei nesta Imperial Villa da Victoria aos trinta e um dias do mez de Janeiro do corrente anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oitocentos e quarenta e cinco vigesimo quarto da Independencia do Imperio Ludovico Gonçalves Chaves Tabellião interino que no impedimento do actual Luiz Carlos da Silveira a escrevi e assignei [...] [...] Tabelliam Cesário da S. Mello Ludovico Gonçalves Chaves¶

Fonte: Database DOViC

Assim, através da Fotografia cientificamente controlada, pode-se manter acesso a um documento digital altamente manipulável que permite, inclusive a extração de informações para análises semânticas, históricas, filológicas, jurídicas, dentre outras.

A carta de alforria 37 (conforme destacado), por exemplo, serviu para o desenvolvimento de análises que, por um lado, tinham como base teórica a Linguística em consonância com pressupostos do Direito, e que, por outro lado, tinham como base teórica o Direito em consonância com pressupostos da Linguística.

Desse modo, tendo em vista os trabalhos que foram citados no capítulo 1, envolvendo documentos manuscritos históricos do tipo jurídico, cabe agora destacar: Santos (2008, p. 41), partindo da Linguística para o Direito, analisou os conceitos de liberdade circulantes na escravidão a partir de cartas de alforria, sendo uma delas – e muito importante - a carta de

alforria 37 supracitada, demonstrando um funcionamento paradoxal neste tipo de documento que o torna, conforme o autor, um instrumento linguístico-histórico de “libertação-dominação”.

Nessa mesma perspectiva (da Linguística para o Direito), Ferraz (2014, p. 85) considerou alguns dos enunciados presentes nesta mesma carta de alforria 37 para verificar como se caracterizou semanticamente o senhorio brasileiro.

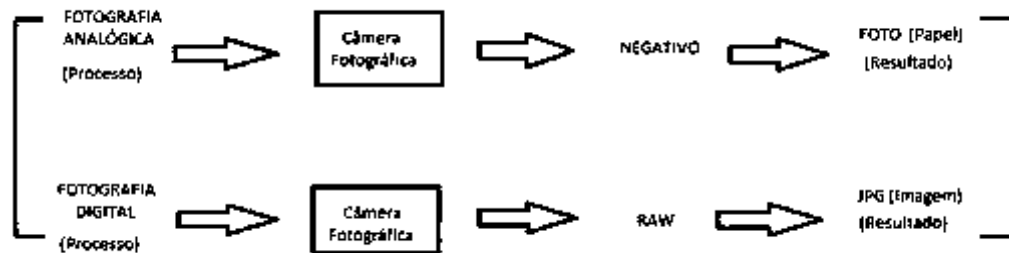
Diferentemente, partindo do Direito para a Linguística, Resende (2014 no prelo, p. 67-68) analisando a concessão jurídica da liberdade no Brasil escravista, verificou, na materialidade também da carta de alforria 37, sentidos de liberdade circulantes no sistema jurídico legal e consuetudinário brasileiro do século XIX.

Como se vê, os três trabalhos aqui descritos em conjunto, confirmam que a transposição conforme é praticada no LAPELINC atende às necessidades dos pesquisadores, isto porque, mesmo em perspectivas diferentes (o que, aliás, demonstra o potencial do documento manuscrito histórico do tipo jurídico) as três pesquisas foram feitas a partir de DD's (a carta de alforria 37 como exemplo) integrantes de um *corpus* eletrônico. O que demonstra ao mesmo tempo a cientificidade e a potencialidade da transposição envolvendo o processo de Fotografia.

5.4 CONTRIBUIÇÕES DA TRANSPOSIÇÃO PARA A LINGUÍSTICA RELACIONADOS AO EFEITO (RAW E JPEG)

A Fotografia Digital têm como principal elemento a câmera digital capaz de capturar imagens fotográficas digitais gerando arquivos em Raw e JPEG, como exemplificado no capítulo 3. Para que se compreenda melhor as vantagens que estes tipos de formato podem gerar para estudos linguísticos, segue abaixo Gráfico 3 explicativo.

Gráfico 3: Fotografia Analógica x Fotografia Digital



Fonte: Database DOViC

Como se vê, quando comparadas às imagens geradas por processos analógicos, as imagens digitais geram arquivos em formatos Raw e JPEG.

Os arquivos em Raw funcionam como negativos digitais e admitem, assim, caráter científico para fins de comprovação, atestação e controles científicos, além de se constituírem, enquanto meios de garantia de fidedignidade, praticidade e reprodutibilidade necessárias à ciência.

Por seu turno, os arquivos em JPEG são gerados a partir dos arquivos em Raw e permitem a visualização eletrônica direta através, por exemplo, de *softwares* de visualização de imagens digitais como o *Adobe Photoshop*. Com um *software* como este, Santos (2008), Ferraz (2014) e Resende (2014 no prelo) puderam realizar análises de um documento como a Carta de alforria 37, fazendo o procedimento de ampliação, como se pode ver na Figura 22, em que uma palavra em sua ampliação eliminou, para o pesquisador, possíveis dúvidas, por exemplo, quanto à escrita.

Figura 22: Folha Frente DD (Esquerda) e Imagem Ampliada da Palavra "Pardos" (Direita)



Fonte: Database DOViC

5.5 CONTRIBUIÇÕES DA TRANSPOSIÇÃO PARA A LINGÜÍSTICA, A EXEMPLO DA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO (A IMPORTÂNCIA)

Ao redefinir o campo da enunciação, Eduardo Guimarães, em seu livro *Semântica do Acontecimento* (2002), revela que esta se configura enquanto uma “[...] semântica que considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer (p. 7)”. Segundo o semanticista, para se observar o sentido é preciso, antes de tudo, observar o enunciado em sua relação com a constituição do próprio texto.

Tomar o ponto de vista de uma semântica linguística é tomar como lugar de observação do sentido o **enunciado**. Deste modo, saber o que significa uma forma é dizer como seu funcionamento é parte da constituição do sentido do enunciado. Mas para mim, considerar o processo no qual uma forma constitui o sentido de um enunciado é considerar em que medida esta forma funciona num enunciado, enquanto enunciado de um texto. Ou seja, não há como considerar que uma forma funciona em um enunciado, sem considerar que ela funciona num texto, e em que medida ela é constitutiva do sentido do texto. (GUIMARÃES, 2002, p. 7, grifo nosso)

Tratar das relações de sentido de um enunciado e sua relação para a composição do texto, para o autor, é entender a própria enunciação, na medida em que são partes constitutivas do

sentido do próprio texto e, nesse sentido, o referido autor toma “a enunciação como acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua”(GUIMARÃES, 2002, p. 08).

A *Semântica do Acontecimento* assim configurada pressupõe considerar o enunciado, em textos, estes tomados como materialidade da língua que, em si, é histórica.

Para mim o tratamento da enunciação deve se dar num espaço em que seja possível considerar a constituição histórica do sentido, de modo que a semântica se formule, claramente, como uma disciplina do campo das ciências humanas, fora de suas relações com a lógica ou a gramática pensadas ou como o matematizável ou como uma estrutura biologicamente determinada. (GUIMARÃES, 2002, p. 8)

Destarte, após depararmos com documentos históricos do tipo jurídico da região sudoeste da Bahia, percebemos a presença de formas linguísticas presentes em enunciados que podem interessar a muitos linguistas e semanticistas que lidam com questões relacionadas à enunciação e ao acontecimento, por exemplo. Nesse sentido, teóricos da Semântica do Acontecimento (cf. GUIMARÃES, 2002) partem do ponto de vista de que a língua é histórica, materializando-se através de enunciados presentes em textos dos mais variados tipos.

Considerando que, como disse Guimarães (2011, p. 2), a Semântica do Acontecimento tem como principal fonte de análise “[...] enunciados integrados em textos”, o acesso a textos/documentos manuscritos desse tipo permite que os pesquisadores dessa área, como de outras, possam se valer de dados relevantes para análises científicas futuras.

O *Corpus DOViC*, composto de documentos manuscritos históricos, como por exemplo os jurídicos da região sudoeste da Bahia, enquanto objeto de estudo desta pesquisa, apresenta alguns textos com características que interessam aos estudiosos da Semântica do Acontecimento. O exemplo a seguir constitui uma amostra de como os documentos manuscritos históricos do tipo jurídico, que foram transpostos para o meio digital, podem interessar a esse tipo de pesquisa conforme veremos a seguir:

1/Procuração Bastante que faz Francisco José dos Santos Silva,
2/a seu procurador abaixo assignado, digo declarado.
3/Saibão quantos este publico instrumento de
4/procuração bastante virem, que sendo no Anno
5/de Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de
6-mil oitocentos e oitenta e três aos treze dias do mez de junho do
7/dito anno, nesta Imperial Villa
8/da Victoria, em meo cartorio compareceu o [inint.]
9/Francisco José dos Santos Silva, conhecido de mim
10/tabellião pelo proprio de que trato, em presença
11/das testemunhas abaixo assignadas por elle me foi

12/dito que nomeava e constituia por seo bastante
 13/procurador nesta Villa, ao senhor Fernando Cezar
 14/Vieira de [Inint.], a quem concede plenos e
 15/especiais poderes para em nome do ouctorgan_
 16/te, requerer tudo quanto for preciso[...]

(Transcrição Paleográfica de um trecho de um dos documentos de procuração do Livro de Escrituras [Notas] Número 1. Fonte: *Corpus Dovic* Séc. XIX. Folha-Imagem: 0021-E1-C11-0019)

No trecho transcrito nota-se a presença de enunciados no mínimo atípicos. Em 7-8 a forma *Imperial Villa da Victoria* apresenta um correspondente em 13: *nesta Villa*. As formas linguísticas descritas contribuem para o funcionamento semântico do texto na medida em que a forma *nesta Villa* é reescritura de *Imperial Villa da Victoria*. Para a Semântica do Acontecimento essa reescritura sugere indícios do sentido, e para tanto, sugere que

A reescrituração, conforme explica Guimarães (2004, p. 6), é o procedimento através do qual "[...] a **enunciação** de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si. Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado" (SANTOS, 2008, p. 136, grifo nosso).

Nesse sentido, as formas encontradas no documento de procuração constituem exemplos de *reescrituração* que interessam, por exemplo ao semanticista. No jogo do sentido do texto, algumas formas como estas podem apresentar novas alternativas para os estudos semânticos no que tange à Semântica do Acontecimento já que tem como base a historicidade da linguagem e da escrita que pode estar representada, por exemplo, nos documentos históricos manuscritos do *Corpus DOViC* do século XIX.

Ademais, após depararmos com alguns documentos transpostos por nós a partir de fontes judiciais da região sudoeste da Bahia, percebemos o fenômeno da designação de um nome, como exemplo de uma das formas de enunciação, tal qual postula a Semântica do Acontecimento. Assim, conforme Guimarães (2002),

[...] A designação é o que poderia chamar de significação de um **nome**, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação lingüística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história. (GUIMARÃES, 2002, p. 9, grifo nosso)

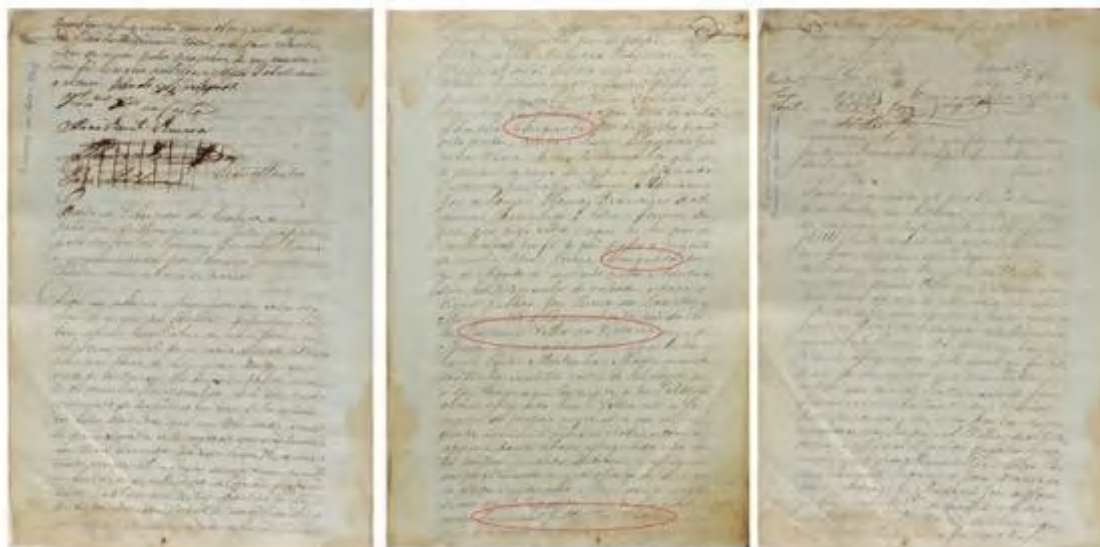
Assim, conforme o que foi exposto, a designação é um fenômeno linguístico que envolve relações de sentido, ou seja, remetem ao sentido que determinado nome pode ter em texto/documento, na medida em que contribuem para o sentido do texto como um todo, tomados

na história. Nesse sentido, exemplificaremos, em dois momentos como o fenômeno da designação de um nome (cf. GUIMARÃES, 2002) pode ser representado tendo em vista dois DD's manuscritos históricos do tipo jurídico que fazem parte do *corpus DOViC*: a) Carta de Liberdade contendo a designação de *Conquista* e b) Cartas de Liberdade contendo a designação de sobrenomes de escravos como estigma da escravidão (Cf. FERRAZ, 2014).

a) Carta de Liberdade contendo a designação de *Conquista*

A história do município de Vitória da Conquista mostra que a cidade recebeu muitos nomes, desde *Arraial da Conquista*, no momento de sua fundação em 1752, passando a se chamar *Imperial Villa da Victoria* em 1840, em 1891 apenas *Conquista*, e alçada à condição de cidade em 1943, se chamando *Vitória da Conquista*. Nesse sentido, alguns documentos manuscritos históricos jurídicos constantes do *Corpus DOViC* demonstram características muito importantes para o processo de denominação do município. Segue exemplo de um documento:

Figura 23: Carta de Liberdade (*Designação de Vitória da Conquista*)



Fonte: Database DOViC

Os trechos destacados na figura-23 têm a seguinte transcrição: 1) *Conquista*; 2) *Conquista*; 3) *Imperial Villa da Victoria* e 4) *Imperial Villa da Victoria*. Em conjunto, esta sequência de nomes funcionando em enunciados do mesmo texto, do ponto de vista da Semântica do Acontecimento, constitui um processo semântico de nomeação que se efetua através de reescrituração, conforme previsto em Guimarães (2002).

Tendo em vista que os documentos desse tipo se constituem enquanto documentos legais, registrados em cartórios e transpostos por nós de forma cientificamente controlada, a existência da forma *Conquista* e da forma *Imperial Villa da Victoria*, neste documento constitui, além de um fenômeno de ordem semântica, possível objeto de interesse de alguns pesquisadores de outras áreas, como Geografia, História e Memória, na medida em que, em documentos desse tipo pode-se comprovar aspectos culturais da história da cidade, por exemplo, uma nomeação que, percebemos, não está em paralelo com a jurídica da época dos documentos.

O fato da cidade apresentar, neste documento, duas nomeações distintas, abre, sem dúvida, espaço para outros trabalhos, por exemplo a partir do campo da Memória confrontando a diferença entre a nomeação documental aqui apresentada, integrante do *Corpus DOViC*, da nomeação documental oficial da cidade.

b) Cartas de Liberdade contendo a designação de sobrenomes de escravos como estigma da escravidão (cf. FERRAZ, 2014)

O fenômeno da designação de nomes e sobrenomes de escravos (cf. BRITO; SANTOS, 2013) constitui-se como uma das formas de enunciação que indica como se configuravam as relações entre escravos e senhores durante o período da escravidão no Brasil. Seguindo o que foi feito por Ferraz (2014, p. 81) em seu trabalho em que objetivou investigar “[...] Como se caracteriza semanticamente o senhorio em cartas de liberdade baianas, de Vitória da Conquista, datadas do século XIX, especificamente do período escravista de 1841 até 13 de Maio de 1888 [...]” verifica-se algumas das contribuições da transposição para a Linguística, especificamente, a Semântica do Acontecimento, através da análise empreendida pela autora através de, pelo menos, dois exemplos. Em 1) temos o trecho de uma das cartas de liberdade constituintes do *Corpus DOViC* destacado pela autora:

Carta de Liberdade de **Adrianna Mulata**, conferida pelo seu Patrono Agostinho Gonçalves Barbace-na, e sua mulher Neiacia Maria da Paixão, como abaixo declara [...](Carta 37: livro 1, folhas 101v-102f-103v, 21/10/1845 – DOViC) (FERRAZ, 2014, p. 81)

Assim, segundo a autora em sua análise

[...] Na seqüência Adrianna Mulata, Mulata funciona como um sobrenome (inclusive grafado em maiúsculo) que se articula ao nome como uma adjetivação de cor que especifica indiretamente a raça e, ao mesmo tempo, marca a diferença da escrava em relação ao senhor. [...] (FERRAZ, 2014, p. 85)

Tal forma de ocorrência no texto de Ferraz (2014) integra o grupo de nomeações que seguem, segundo a autora, uma forma lexical padrão: **nome + raça/cor/etnia**.

Já em 2), temos a ocorrência de uma estrutura lexical diferente: **raça/cor/etnia + nome** conforme se observa no exemplo:

Carta de liberdade da **Cabra de nome Sofia** passada por Antonio Jose de Souza Paes, outrora Senhor daquela. Eu Antonio Jose de Souza Paes abaixo assignado, sou possuidor da Cabrinha Sofia. (Carta 29: livro 1, folhas 40v-41f, 21/10/1841 – DOViC). (FERRAZ, 2013, p. 86)

A análise empreendida por Ferraz (2014) revelou, nesse caso, que

[...] ao fazer essa indicação, o enunciado materializa linguisticamente que o locutor-senhor se coloca como dono da escrava, aquele que – só ele – pode escrever, determinar numa carta, como vemos no exemplo, quem era o escravo. (FERRAZ, 2014, p. 86).

5.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos escritos constituem-se enquanto inestimáveis fontes de documentação e registro da língua que é utilizada pelos povos em seus mais variados momentos da história. O pesquisador da ciência linguística reconhece a importância desse tipo de documento para os estudos linguísticos. Desse modo, os documentos manuscritos históricos servem, como vimos, de exemplo para estudos da Linguística, especificamente da Semântica em seu campo Semântica do Acontecimento, além de poder servir a variados campos do conhecimento.

Assim, a preservação de textos manuscritos antigos, como por exemplo, os que constituem o *Corpus Dovic*, apresenta-se como uma alternativa para o desenvolvimento de pesquisas linguísticas que têm como fonte os textos dessa ordem. Confirmando aqui o que vimos no capítulo 3, a transposição de documentos manuscritos históricos (conforme proposta do Método Lapelinc) constitui uma alternativa para se garantir o acesso a esse conjunto de textos por parte de pesquisadores. Nesse sentido, acreditamos que, enquanto método de transposição, o Método Lapelinc pode contribuir significativamente para estudos na área da Linguística em geral tendo em vista as características dessa transposição e as vantagens que os pesquisadores podem tirar desse conjunto de textos.

6 CONCLUSÃO

Diante do exposto, retomando a pergunta inicial desta pesquisa, “De que maneira a transposição de documentos manuscritos históricos para a formação de *corpora* linguísticos eletrônicos pode contribuir para estudos de Linguística, a exemplo da Semântica do Acontecimento?”, podemos afirmar que, pelos exemplos demonstrados, as hipóteses levantadas confirmaram-se.

Em primeiro lugar, pudemos verificar, no capítulo 1, que os documentos manuscritos históricos, oriundos do 1ª Vara Cível do Fórum João Mangabeira, se constituem como fontes de inestimável valor para a história da cidade e da língua portuguesa, na medida em que, como demonstramos, podem servir de base para estudos científicos no âmbito da Linguística, a exemplo da Semântica do Acontecimento. Observamos que alguns pressupostos da Linguística de *Corpus*, enquanto vertente da ciência linguística, levam em conta o tratamento eletrônico de textos antigos na constituição de *corpora* linguísticos, de forma a contribuir para o acesso fidedigno a documentos manuscritos históricos. Nesse sentido, apresentamos, através do Método Lapelinc, algumas propostas para a transposição de documentos manuscritos originais em papel para o formato digital, com vistas a integrar *corpora* linguísticos eletrônicos, na medida em que faz uso da Fotografia cientificamente controlada, tendo em vista que pode-se, como visto, garantir a fidedignidade necessária às pesquisas científicas.

Em segundo, constatamos, no capítulo 2, que a compreensão do que constitui a Fotografia enquanto processo e enquanto resultado é condição primordial para o uso e desenvolvimento das técnicas e equipamentos necessários à transposição de documentos manuscritos históricos para o meio digital. Enquanto processo, a transposição apresenta etapas de Controle e Captura que, por sua vez, em seu funcionamento fazem uso de ferramentas como o Catálogo Visual e o DOP e de equipamentos como a Mesa Cartesiana com vistas a contribuir para a fidedignidade aos documentos originais, trazendo, como efeito a possibilidade de visualização eletrônica via *softwares*.

Em terceiro, demonstramos, no capítulo 3, que a visualização eletrônica de documentos digitais a partir de *softwares* como o *Adobe Photoshop* permite manejar o DD de forma a realizar modificações como: brilho/contraste, curvas e camadas de *Pixels* existentes nas imagens. Nesse sentido, os documentos manuscritos históricos do tipo jurídico transpostos para o meio digital através da Fotografia cientificamente controlada, conforme apresentada no capítulo 2, segundo o Método Lapelinc de transposição, tornaram-se acessíveis e pesquisáveis

do ponto de vista científico, além de permitirem a reprodutibilidade segura, dada através do formato *RAW* de forma que não prejudicassem os documentos originais físicos.

Por fim, vimos, no capítulo 4, que com a transposição de documentos manuscritos históricos, a exemplo dos jurídicos, o Método Lapelinc apresentou-se como método científico viável que permitiu a recuperação, preservação e divulgação, de forma fidedigna, dos documentos manuscritos histórico antes inacessíveis do ponto de vista científico. O documento visual gerado na/pela transposição permitiu o acesso a um número maior de informações visuais que podem contribuir significativamente para estudos no âmbito da Linguística em geral, e outras áreas.

Assim, o Método Lapelinc apresentou-se como método científico viável na transposição de documentos manuscritos históricos para o meio digital, tendo em vista as dificuldades enfrentadas por pesquisadores no âmbito da Linguística, no tocante ao acesso a documentos dessa ordem. Acreditamos que os pesquisadores tanto da Linguística, como de outras áreas, podem tirar muitas vantagens na medida em que sendo aplicado em pesquisas científicas o método se mostra eficiente.

REFERÊNCIAS

AUMONT, J. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1993. Edição Original: 1990.

BARREIROS, P. N. Novas práticas culturais da escrita, novas perspectivas da Crítica Textual: rumo às hiperedições. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 31-62, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16i1p31-62>>. Acesso em: 17 Maio de 2015.

BENJAMIN, W. **Pequena história da fotografia**. In: Magia, arte e técnica: ensaios sobre a literatura e história da cultura. Brasiliense, 1985a. p. 91-108.

BRÉAL, M. **Ensaio de Semântica**. 2. ed. Campinas: Editora RG, 2008. Edição original: 1897.

BRITO, G.; VIANA, J. **A designação dos sobrenomes de escravos como estigma da escravidão em fontes judiciais do sudoeste baiano**. Projeto de pesquisa. UESB, Vitória da Conquista, 2013. (FAPESB: 6006/2013)

BRITO, G.; VIANA, J.; **Levantamento de fontes judiciais do Sudoeste da Bahia: contribuições para a constituição do corpus DOViC**. Projeto de Pesquisa. UESB, Vitória da Conquista, 2011. (FAPESB: 5250/2011)

CESAR, N.; PIOVAN, M. **Making Of Revelações sobre o dia-a-dia da fotografia**. São Paulo: Futura, 2003.

CONARQ – Conselho Nacional de Arquivos. **Recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2010.

COULLIER JR, J. **Antropologia Visual: A Fotografia Como Método de Pesquisa**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1973.

CURT LABORATÓRIO CINEMATOGRAFICO LTDA. **O laboratório por dentro: curso completo de Fotografia**. Rio de Janeiro: Rio Gráfica e Editora, 1981.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 14. ed. Campinas: Papirus, 2012. Edição Original: 1990.

DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1988. p.161-218. Edição Original: 1983.

FERRAZ, L. de A. N. **A designação da palavra *senhor*: uma análise semântica do senhorio brasileiro na escravidão e sua continuidade no pós-abolição**. 2014. (Dissertação) Mestrado em Linguística – Programa de Pós Graduação em Linguística da UESB, Vitória da Conquista, 2014.

FLOWER, D. A. **Biblioteca de Alexandria**: As histórias da maior biblioteca da Antiguidade. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FREITAS, R. D. S. **Páginas do novo mundo**: um estudo comparativo entre a ficção de José de Alencar e de James Fenimore Cooper na formação dos Estados nacionais brasileiro e norte-americano no século XIX. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13385>>. Acesso em: 13 Abr. 2015.

FRIZOT, M. **Histoire de Voir**. Paris: Photo Poche, 1989.

GALVES, C. C. et al. **Padrões Rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística**. Projeto de pesquisa. UNICAMP, Campinas, 1997.

GUIMARÃES, E. A Linguística é uma Ciência Histórica? In: Bréal, M. **Ensaio de Semântica**. 2. ed. Campinas: Editora RG, 2008. p. 9-15. Edição original: 1897.

GUIMARÃES, E. **Análise de texto** – Procedimentos, Análises, Ensino. Campinas: Editora RG, 2011.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola. 2004.

KOSSOY, B. **Fotografia e História**. São Paulo: Editora Ática. 1989.

KOSSOY, B. **Hercules Florence: A descoberta isolada da Fotografia no Brasil**. São Paulo: EdUSP, 2006.

KOSSOY, B. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.

KRISTEVA, J. **História da Linguagem**. Lisboa: Edição 70, 1969.

KROSNEY, H. **O Evangelho Perdido**: como o mundo veio a conhecer a versão de Judas Iscariotes para a morte de Cristo. São Paulo: Prestígio: Washington, D.C. : National Geographic, 2006.

LONG, B. **Complete digital photography**. Hingan: Charles River Media, 2004.

LYONS, J. **Semântica**. Lisboa : Presença, 1977. V.1, p. 11-24.

MACHADO, A. **A Ilusão Especular**: Introdução à fotografia. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

MELO, E.; ALMÉRI, K. (Orgs). **Fotografia Digital: uma arte sem mistérios**. São Paulo: Editora Escala, 2013.

NAMIUTI-TEMPONI, C.; COSTA, A. S. Reflexões sobre anotação sintática e ferramentas de busca - Uso da linguagem XML para anotação sintática no corpus digital DOViC. **Letras & Letras**, [S.l.], v. 30, n. 2, p. 82-103, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/27855>>. Acesso em: 13 Abr. 2015.

NAMIUTI-TEMPONI, C.; SANTOS, J. V.; COSTA, A.; FARIAS, I. S. Computação e Linguística: importante diálogo para pesquisas e preservação da memória nos novos meios das antigas fontes. **RBBA**, v. 2, n. 1, p. 9-34, jul./2013. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/rbba/article/view/2023>>. Acesso em: 13 Abr. 2015.

NEWHALL, B. **Historia de la Fotografia**. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2002.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Memórias do Texto. **Revista Texto Digital**, n. 2., 2006. Disponível em: <<http://www.textodigital.ufsc.br/num02/paixao.htm>>. Acesso em: 13 Abril. 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988. Edição original: 1975.

RESENDE, L. S. **A concessão jurídica da liberdade no Brasil escravista**: sentidos de liberdade no sistema jurídico legal e consuetudinário brasileiro. (No prelo). Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da UESB, Vitória da Conquista, 2014.

RIBEIRO, M. A. **A Carta de Caminha e seus Ecos – estudo e antologia**. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

RIOS, D. R. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: DCL, 1971.

SANTOS, D. M. **Da liberdade à tutela**: uma análise semântica do caminho jurídico percorrido por filhos de ex-escravas no Brasil pós-abolição. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística da UESB, Vitória da Conquista, 2013.

SANTOS, J. V. **Apresentação de meios para o transporte**: digitalização de documentos manuscritos e impressos. Conferência ministrada na I Oficina de Linguística de *Corpus* da Bahia (UEFS, UESB, UFBA). Feira de Santana: UEFS, 2010a.

SANTOS, J. V. **Liberdade na escravidão**: uma abordagem semântica do conceito de liberdade em cartas de alforria. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2008.

SANTOS, J. V. **Técnicas de transporte do texto manuscrito para o meio digital**. Conferência ministrada na I Oficina de Linguística de *Corpus* da Bahia (UEFS, UESB, UFBA). Feira de Santana: UEFS, 2010b.

SANTOS, J. V.; BRITO, G. S. Fotografia técnica de documentos para formação de corpora digitais eletrônicos: o método desenvolvido no Lapelinc. **Letras & Letras**, [S.l.], v. 30, n. 2, p. 421-430, dez. 2014. Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/27995>>. Acesso em: 13 Abr. 2015.

SANTOS, J. V.; NAMIUTI, C. **Corpora Digitais Para a História do Português Brasileiro - região Sudoeste da Bahia**: Aliança PHPB - Tycho Brahe. Projeto de pesquisa. UESB, Vitória da Conquista, 2010. (FAPESB: 6171/2010)

SANTOS, J. V.; NAMIUTI, C. **Corpora Digitais Para a História do Português Brasileiro - região Sudoeste da Bahia**: Aliança PHPB - Tycho Brahe. Relatório de projeto de pesquisa. UESB, Vitória da Conquista, 2010. (FAPESB: 6171/2010)

SANTOS, J. V.; NAMIUTI, C. **DOVIC (Documentos Oitocentistas de Vitória da Conquista e região)**. *Corpus* Eletrônico. UESB. Vitória da Conquista, 2014.

SANTOS, J. V.; NAMIUTI, C. Material transposition of Documents for a digital corpus implementation. Lecture. **Workshop on construction and use of large annotated corpora**. Unicamp. Campinas: 2013b.

SANTOS, J. V.; NAMIUTI, C.; PINTO, J. H. S. Do papel ao texto digital: Construção de *Corpora* Eletrônicos a partir de documentos antigos – Relatos de Trabalho. Comunicação Oral. **I Seminário do Núcleo de Cultura Escrita e Acervos Digitais**. UESB. Vitória da Conquista: 2013.

SARDINHA, T.B. **Lingüística de Corpus**. Barueri, SP: Editora Manole, 2004.

SARDINHA, T.B. Lingüística de *Corpus*. Barueri, SP: Editora Manole, 2004. Resenha de MARTINS, I dos S. **Revista DELTA**, vol. 23 no. 2, São Paulo, 2007. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/delta/v23n2/a09v23n2.pdf>>. Acesso em: 13 Abr. 2015.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. 4. ed. São Paulo : Cultrix, 1972. Edição Original: 1916.

SHAEFFER, J. M. **A imagem precária**: sobre o dispositivo fotográfico. Campinas: Papirus, 1996.

SOUSA, de N. **Estudo de alguns aspectos da ortografia da Carta de Pero Vaz de Caminha**. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2002. Disponível em:<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000266962>>. Acesso em: 13. Abr. 2015.

SOUSA, G. S. de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. 5. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional; EdUSP, 1987.

STROEBEL, L.; ZAKIA,R. **The Focal Encyclopedia of Photography**. Boston: Focal Press, 1993.

TANAKA, E. **Adobe Photoshop 7.0**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

TASHIBANA, A.T.; FERREIRA, G.M.; ARRUDA, M. **Novo Manual Nova Cultural Física**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

UNICAMP. **Corpus Histórico Anotado do Português Tycho Brahe**. 1998. Disponível em: <www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus>. Acesso em: 13 Abr. 2015.

ANEXOS

ANEXO A: AMPLIAÇÃO DA FIGURA 3 (PÁGINA 47)

LIVRO No.	ANO	TIPO	TAMANHO (cm)			CAPA	FOTO	Observação	Data catalogação	Catalogador	Conferência
			Altura	Largura	Profundidade						
1	1947	Contratos diversos	44,5	31	2,5	Capa tecido bege	§		04/03/2012	Jorge Ysmael Silmara	OK

ANEXO B: AMPLIAÇÃO DA FIGURA 5 (PÁGINA 48)

LIVRO No.	ANO	TIPO	TAMANHO			CAPA	CÓDIGO LAFELMIC			Imagens	CÓDIGO DE OBSERVAÇÃO	FOLHA-IMAGEM	Tipo de Observações	OBSERVAÇÕES PARTICULARES (OP-XX)
			A	L	P									
1	1841-1848	Escrituras (Notas)	31,5	22,3	3	Marrom	C11-E01			412	34	Contracapa frente	Filológica	Folha anexada posteriormente. Transcrição do termo de abertura.
1	1841-1848	Escrituras (Notas)	31,5	22,3	3	Marrom	C11-E01			412	35	S/N	Filológica	Folha solta.
1	1841-1848	Escrituras (Notas)	31,5	22,3	3	Marrom	C11-E01			412	27	Termo de abertura	Filológica	
1	1841-1848	Escrituras (Notas)	31,5	22,3	3	Marrom	C11-E01			412	10	198	Filológica	Sala de 198 para 201
1	1841-1848	Escrituras (Notas)	31,5	22,3	3	Marrom	C11-E01			412	22	203	Filológica	Termo de encerramento com nome De: "Termo de Apresentação"
1	1841-1848	Escrituras (Notas)	31,5	22,3	3	Marrom	C11-E01			412	22	204	Filológica	Termo de encerramento com nome De: "Termo de Apresentação"